

A Witz sofisticada na filologia de Nietzsche¹

Rodrigo Francisco Barbosa*

Resumo: O objetivo desse artigo é o de explorar, de forma heurística, uma abordagem que tenta demonstrar de que maneira a amplitude da reflexão de Nietzsche sobre a filologia clássica permite ao filósofo alemão uma *criativa instrumentalização* de elementos que, posteriormente, ampliam a possibilidade de compreensão da noção de “texto”. Chamo a isso, provisoriamente, de uma “autossupressão” *da filologia* na medida em que Nietzsche transfigura um “pontapé dado” em um “pontapé recebido”, como ressalta James Porter (*Antritt*, o *pontapé dado* que inicia uma partida ou jogo e *Austritt*, o *pontapé recebido* que ilustra a saída forçada num relacionamento amoroso).

Palavras-chave: Nietzsche; filologia; texto; autossupressão; fixação.

The sophistry’s Witz at Nietzsche’s philology

Abstract: The aim this paper is explore, heuristically, an interpretative approach to try argue how the extend of Nietzsche’s reflection about classical philology allow at German philosopher the *creative instrumentalization* of elements that, after, broad the possibilities of the understanding notion of “text”. I call this, provisionally, philology’s “Self-suppression” as far as Nietzsche transfigure a “kick-off” in a “to-be-dumped”, as pointed out James Porter. (*Antritt*, the *kick-start* in sports and *Austritt*, the *to be dumped* that illustrates the forced out of relashionship).

Keywords: Nietzsche; philology; text; autosupression; fixion.

Introdução²

“Nietzsche é o nome próprio de um episódio do conflito entre história, filosofia, retórica e literatura.”

Pareceu-me justo, a partir de uma “transformação simples”, apresentar a epígrafe acima como um “hipertexto” do “hipotexto” de Cassin sobre Luciano³: aquilo que na epígrafe é dito referir-se a Nietzsche, é todavia, o que a autora atribui à situação de

¹ Esse artigo é uma adaptação de uma das partes da tese de doutorado do autor, intitulada *Nietzsche e o Gesto Sofista na linguagem*.

* Doutor em Filosofia pela PUCPR. ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-7315-4153>. Contato: semcentro@gmail.com

² O uso das aspas ao longo do presente artigo diz respeito às palavras de alguém do qual eu cito; por outro lado, quando ajusto concordância gramatical de uma citação ou paráfrase ou simplesmente quero enfatizar um termo que me parece interessante eu então uso o itálico.

³ Os termos são retirados da descrição de Gerárd Genette da “hipertextualidade” que pode ser resumida como “toda relação que une um texto B (que chamarei hipertexto) a um texto anterior A (que, naturalmente, chamarei hipotexto) do qual ele brota, de uma forma que não é a do comentário” (GENETTE, 2006, p. 12).

Luciano ante a tradição⁴. Essa minha alusão *hipertextual* parece auxiliar a compreensão daquilo que exatamente está em jogo na complexidade de identificar o “objeto texto” em Nietzsche: uma artimanha *palimpsestosa*⁵ em que a noção de “texto” só pode ser pensada em suas complexas relações com outros textos, inclusive sua própria constituição. Assim, essa similar condição de configurar o “nome” em torno do “conflito entre história, filosofia, retórica e literatura” é assimilada ao observarmos o quadro da filologia no pensamento de Nietzsche e seus desdobramentos para tal compreensão do texto. Nesse sentido, o argumento que eu tento desdobrar neste trabalho é o de que “texto” em Nietzsche, a meu ver, pode ser compreendido como “um dinâmico signo complexo” que é pensado em seu contraste com a *limitariedade* imposta pela “obra” na dinâmica das *versões* e dos *esboços*, sendo reconhecido como esse *complexo de interações* sob o qual uma “valência semântica” (“de construção ou destruição do sentido”) é primeiramente eclodida como *dinamização complexa dos signos* no vórtice do “ato da leitura”, da *materialidade dos escritos*⁶ e seu *meio estrutural* costurado pela *textura*⁷. Nesse sentido, reconhecendo uma série de questões já estruturadas pela *Pesquisa-Nietzsche* como, por exemplo, “as características dos escritos filosóficos de Nietzsche” bem como, o aspecto próprio de sua constituição na produção de um *texto filosófico característico*, o meu interesse específico aqui consiste em tentar demonstrar que isso que *interpreto* como “texto” em Nietzsche, à luz do debate com Axel Pichler e a tese logológica de Cassin, surge como um complexo processo de instrumentalização filológica⁸, do qual denomino provisoriamente de “autossupressão” da filologia⁹, e que se trata de uma *instrumentalização* de Nietzsche d“aquilo que dispomos da linguagem radicalizando-o; recriando-o; desorientando-

⁴ CASSIN, 2005, p. 236.

⁵ Trata-se do termo empregado por Philippe Lejeune salientado por Gerard Genette em seu texto “Palimpsestos” GENETTE, 2006, p. 46.

⁶ Sigo aqui a demarcação de Pichler sob a qual “com o conceito de ‘escritos’ deve ser indicado, uma vez mais, o foco do presente estudo sobre a textualidade do texto filosófico” PICHLER, 2014, p. 45. Cf. BARBOSA, 2020.

⁷ PICHLER, 2014, p. 40.

⁸ Na linha do *atual estado da pesquisa sobre a relação de Nietzsche com a filologia* de que “há boas razões para afirmar que [a] especificidade do pensamento e da escrita de Nietzsche perdura estreitamente junta a sua específica proveniência filológica”: “Im Gegenteil gibt es gute Gründe für die Annahme, die Spezifik von Nietzsches Denken und Schreiben hänge eng mit seiner spezifischen philologischen Herkunft zusammen.” BENNE; SANTINI, 2013, p. 175.

⁹ O que precisamente Benne salienta como uma espécie de “simbiose” entre “hermenêutica” e “semiótica” que a instrumentalização e “extemporaneidade” de Nietzsche com a filologia no final do século XIX poderia ter produzido: BENNE, 2005, p. 274. *Instrumentalização e extemporaneidade* que poderia ser sintetizada numa imagem pela constatação de que “Nietzsche foi o primeiro professor de filologia alemã a utilizar a máquina de escrever”: WINTHROP-YOUNG; WUTZ, 1999, p. xxxi.

nos;”¹⁰ e cujo objetivo fundamental, explicitamente identificado na forma da “autorreflexão”¹¹ e *inteira crítica da linguagem*, é o de uma *performance efetivamente sofisticada* sob a qual tanto a “autorreflexão” é apenas um dos elementos em que *no discurso se concede uma maior atenção ao próprio discurso*, quanto esse aspecto “*para-literarizante*” da linguagem¹² é constitutivo da “discursividade sofisticada” e da “logologia”¹³. Assim, o fato de também ocorrer uma espécie de “filosófico silêncio do ‘texto’”¹⁴ nas obras de Nietzsche, é justamente reconhecendo com Benne a flexibilidade e adesão do filósofo à compreensão de texto de seu mestre Ritschl¹⁵ que me propus a investigar tal instrumentalização da filologia na formação daquilo que chamo de *texto como fixação*¹⁶. Desse modo, o propósito do presente trabalho é demonstrar de que maneira a amplitude da reflexão de Nietzsche sobre a filologia clássica no interior do contexto da luta entre a tradição “humanista” e a “ciência filológica” do século XIX¹⁷ e a respectiva ambientação na chamada “época da especulação”¹⁸ permite ao filósofo alemão uma *criativa instrumentalização*¹⁹ de elementos que, posteriormente, ampliam a possibilidade de compreensão da noção de “texto”²⁰: como mencionado, chamo a isso, provisoriamente, de uma “autossupressão” da filologia²¹ na medida em que Nietzsche

¹⁰ SUAREZ, 2011, p. 135.

¹¹ Cf. BARBOSA, 2020 a discussão que faço via Pichler do tema da “Metaisierung”.

¹² PICHLER usa a expressão “para-literaricidade” (“Para-Literarizität”) em seu *ensaio “Para-literaricidade. Ensaio de uma visão heurística alternativa sobre o limite do gênero da filosofia e literatura”* (“Para-Literarizität. Versuch eines alternativen heuristischen Blicks auf die Gattungsgrenze von Philosophie und Literatur”) sob o qual busca discutir a impossibilidade da distinção entre os gêneros “filosofia” e “literatura” no âmbito de demonstrar os elementos literários de “todo texto”, inclusive do “texto filosófico”.

¹³ CASSIN, 2005, p. 63.

¹⁴ Expressão usada por Pichler para salientar a lacuna na discussão específica do “texto” no “*linguistic turn*” ao comentar a concepção de Rorty: PICHLER, 2014, p. 16.

¹⁵ De acordo com Benne, diferente do método tradicional de Lachmann cuja importância central é o “estabelecimento do texto”, Ritschl estaria satisfeito em demonstrar o parentesco dos textos uma vez que estava pouco preocupado com o “original” (Urtext): BENNE, 2005, pp. 86-97.

¹⁶ Cf. BARBOSA, 2020.

¹⁷ BOMMEL, 2015, p. 67.

¹⁸ “Die wissenschaftlichen Methoden entstanden demzufolge auf dem Boden der alexandrinischen Gelehrtenkultur, besonders ihrer Philologie und „Kunst, gut zu lesen“ – und im Anschluss an die Epoche der Spekulation.” BENNE, 2005, p. 27.

¹⁹ Trata-se do amálgama entre o “rigor metódico” e a “perspicácia-brincadeira” filológica de “feliz ‘combinação’ de movimentos e materiais” de Nietzsche: Cf.: #eKGWB/BVN-1868,604 “*strenges Methodik*” e “Witz”; bem como, PORTER, 2000, p. 121, e nota 98 e 105, pp. 330-331.

²⁰ No sentido de que esse pano de fundo da “praxis filológica”, especialmente o trabalho com as fontes, é que ambienta a possibilidade de pensar a noção de “texto”: “Die Zentralität des Textbegriffs für Nietzsches Werk hat weitreichende Konsequenzen, vor allem wenn man ihn vor dem Hintergrund seiner Prägung durch die philologische Praxis der Quellenforschung betrachtet” (BENNE; SANTINI, 2013, p. 193).

²¹ A hipótese aqui é a de que há uma espécie de “Selbstaufhebung” da filologia acentuada a partir de uma *sofisticização* do discurso em Nietzsche que caracteriza a *discursividade sofisticada*: “A sofisticada torna manifesto que uma catástrofe, uma revolução, não tem lugar a partir do fora, que uma instituição não cai

transfigura um “pontapé dado” em um “pontapé recebido”²². Embora eu reconheça as complexidades e dificuldades envolvidas nos *pressupostos* que implicam filologia e historiografia ao longo das obras de Nietzsche e que “o trabalho com a *Philologica* tem apenas começado”²³, o que me interessa dessa abordagem é o ponto em que as insuficiências da filologia e sua instrumentalização permitem vislumbrar novas perspectivas para a crítica da historiografia²⁴ e, com isso, fornece a possibilidade da interpretação daquilo que denomino “doxografia” e mesmo, “doxografia sofisticada de si” em Nietzsche coroada, a meu ver, na obra *Ecce homo*²⁵. Toda essa movimentação que, a meu ver, passa pela já mencionada *luta* entre a tradição “humanista” e a “ciência filológica” do século XIX²⁶, sua respectiva ambientação na chamada “época da especulação”²⁷, bem como pela incorporação do “retorno da poética”²⁸ ancorado ainda

como uma cidade sitiada, mas apenas desde dentro, por esgotamento da lógica do sistema” CASSIN, 2015a, p. 109. Cf. “A tentativa de avaliar as figuras da autossupressão na filosofia de Nietzsche” em que Zittel assume a tese de que: 1 “a figura da autossupressão [é] um Leitmotiv, mais ainda: representa uma característica do pensamento de Nietzsche” : “die Selbstaufhebungsfigur ein Leitmotiv, mehr noch: *einen Grundzug des nietzscheanischen Denkens darstellt;*”); 2. “ela é a consequente estratégia crítica de Nietzsche”: “*sie die konsequenteste Kritikstrategie Nietzsche ist;*”; 3. “ela pode ser estimada, assim, tanto [como] uma chave teórica para a avaliação do status das diferentes declarações individuais de Nietzsche”; “tanto quanto um decisivo ponto de partida na ordem de prover, além das alternativas simplificações, uma clara luz sobre os supostos paradoxos...” ZITTEL, 1998, p. 10-1. Vale lembrar a ênfase de Michael Skowron à forma mais ampla da “Selbstaufhebung” (traduzida ali por “auto-superação”) como “um acontecimento existencial e corporal que toma o homem como um todo” SKOWRON, “Auto-superação” In: NIEMEYER, 2014, p. 65. Se minhas pistas estiverem certas essa suposta “autossupressão” da filologia como *exagero e exaustão* de seus próprios mecanismos e ferramentas é o que permite uma espécie de “insolência até o extremo” na linguagem de Nietzsche e que configura exatamente o “estilo logológico”: CASSIN, 2005, pp. 249-250.

²² A partir da ressalva de Porter em relação a “ocasião” da conferência inaugural de Nietzsche na Basileia e o “programa” de “Homero e a filologia clássica” que o intérprete conjuga na forma de um jogo de palavrinhas no alemão tentei verter aqui (precariamente e apenas a ordem do significado) para o português aquilo que em alemão é possível alterando duas letras “us” no lugar de “n” em que o radical permanece “tritt”. Destacando ainda o fato de que um dos significados de “der Tritt” que origina o radical é, precisamente, “pontapé” (o *pontapé dado* que inicia uma partida ou jogo e o *pontapé recebido* que ilustra a saída forçada num relacionamento amoroso) DWDS, 2018, <<https://www.dwds.de/wb/Tritt>>: “on this ceremonial occasion Nietzsche seems to have been announcing a program that would lead not to an *Antritt* but to an *Austritt*.” PORTER, 2000, p. 35.

²³ Especialmente pela publicação da seção I e II da KGW e a nova recepção dos intérpretes que “integra” filologia e filosofia: “Die Beschäftigung mit den *Philologica* hat freilich gerade erst begonnen” (BENNE; SANTINI, 2013, p. 174).

²⁴ Que é o ponto preciso em que se ancora minha interpretação de *Ecce homo* em concorrência à noção de “autobiografia” que a tradição lhe imputa. Para uma complexificação do debate veja-se Anthony Jensen que, opondo-se à abordagem que vê uma continuidade entre o “primeiro método filológico” de Nietzsche e “suas posteriores técnicas historiográficas”, especificamente “sua genealogia” (James Porter e Christian Benne), argumenta que há uma “importante mudança nas pressuposições meta-históricas” de Nietzsche “entre os primeiros trabalhos e os posteriores” (JENSEN, 2013a, p. 196).

²⁵ Eis a hipótese fundamental de minha tese de doutorado.

²⁶ BOMMEL, 2015, p. 67.

²⁷ BENNE, 2005, p. 27.

²⁸ Sandra Richter problematiza alguns conceitos fundamentais da filosofia para reorientação do campo da “poética” como “objeto de estudo” no período entre 1770 até 1960: RICHTER, 2010, pp. 7-18.

pela presença constante do tema da “incompreensibilidade”²⁹, revela, de certo modo, aquilo que Roland Barthes caracteriza como “encontro das epistemes”³⁰: o texto de Nietzsche como “produto de uma operação criadora”³¹ *mimetiza* a força catastrófica da discursividade sofisticada e mostra sua “existência sombria” como “textualidade do pensamento filosófico”, ou melhor “sofístico”, já banida desde Platão³². Aqui, o texto de Nietzsche é compreendido como a complexidade material da trama em que se efetiva uma espécie de *exaustiva* “prova de força” “autoreferencial” e, portanto, *performativa*³³ de uma *sofisticidade* até então confiscada.

O papel da filologia na formação do texto como *fixão*³⁴

Nietzsche o repete após Novalis: “Aquele que considera a linguagem interessante em si mesma é diferente daquele que nela reconhece apenas um meio de pensamentos interessantes”. Mas considerar a linguagem “interessante em si mesma”, todos os poetas e todos os filósofos (...) também o fazem. A questão é a de saber como a linguagem é interessante, ou qual “em si mesma”, de que autonomia, se trata.³⁵

Teologia e metafísica não imaginam em quais profundezas do texto elas se movem.³⁶

Todas as grandes coisas perecem por obra de si mesmas, por um ato de auto-supressão.³⁷

²⁹ Robert Leventhal problematiza e reconstrói a história da hermenêutica ao dizer que a “a hermenêutica moderna” é encontrada “dois séculos antes” (LEVENTHAL, 1994, p. 02).

³⁰ “É preciso que haja encontro de epistemes diferentes, até comumente ignorantes umas das outras (...) e que esse encontro produza um objeto novo (...); na circunstância é esse objeto novo que se chama *texto*” BARTHES, 2004, pp. 267-268.

³¹ CASSIN, 2015a, p. 36.

³² PICHLER, 2014, p. 02.

³³ Embora Endres e Pichler enfatizem a “autoreferencialidade dos escritos de Nietzsche” como tendo sua “constituição material ligada à autodeixis” (ENDRES; PICHLER, 2013, p. 97), a meu ver, isso que os autores chamam de “esta específica interação entre o pensamento filosófico e a escrita” (“This specific interaction between philosophical thinking and writing”) que implica uma certa “resistência a paráfrase” (em referência a MAGNUS) e aquilo que eles compartilham na forma da “visão que os tópicos filosóficos em Nietzsche são sempre (co)constituídos pela (o uso da) linguagem mesma” (“view that the philosophical topics in Nietzsche are always (co)constituted by (the use of) language itself” ENDRES; PICHLER, 2013, nota 26, pp. 107-108) me parece, precisamente, a força défica do potencial performativo da “*epideixis*” sofisticada que tanto “trata-se do verbo que em Platão caracteriza a discursividade sofisticada” (PROTÁGORAS, 320 b-328 d In: CASSIN, 2005, nota 1, p. 331), quanto “pode ser” compreendida como uma “demonstração de força” (“an *epideixis* may thus be a demonstration of force” CASSIN, 2014a, p. 215) que a sutil ideia da “*Beweis der Kraft*” bíblica que Nietzsche utiliza da tradução de Lutero permite pensar o *efeito sofisticado da performance do melhor* em seu texto: “na história sofisticada da filosofia, ficaria explícito que o melhor, a performance, é a medida do verdadeiro.” CASSIN, 2005, p. 09.

³⁴ Cf. BARBOSA, 2020.

³⁵ CASSIN, 2005, p. 263.

³⁶ “Theologen und Metaphysiker ahnen nicht, in welchen Untiefen des Textes sie sich bewegen.” BENNE, 2005, p. 98.

³⁷ GM II, §27: “Alle grossen Dinge gehen durch sich selbst zu Grunde, durch einen Akt der Selbstaufhebung” (NIETZSCHE, 1998, p. 148).

No interior da “ciência da literatura” o “conceito de texto tinha, previamente, um significado filológico”³⁸. Levando em conta a relevância da filologia na formação do pensamento de Nietzsche, seja aceitando com Christian Benne “a importante função” que a filologia tem na “vida de Nietzsche” sendo a que “atua fortemente no desenvolvimento de suas concepções”³⁹, seja com James Porter em que a “filologia” é “vista” como um “sintoma da modernidade” cuja instrumentalização permite ao filósofo alemão “diagnosticar os pressupostos culturais do presente histórico”⁴⁰, seja com Anthony Jensen assumindo o lado tradicionalmente *positivista* da filologia que Nietzsche *inicialmente compartilha*⁴¹, seja ainda com Fietz segundo o qual a compreensão de “filologia e interpretação” permitiria ao intérprete seu enfoque no “significado da faticidade dos textos” para interpretar “música, linguagem e escrita de Nietzsche” como “diferentes tipos de organização dos signos”⁴², o solo sob o qual a noção de “texto” é compreendida e instrumentalizada pelo filósofo alemão parece, a meu ver, permitir uma abordagem interpretativa em que esse rastro da filologia pode ser esboçado a partir de algumas nuances elucidativas. Não significa aqui, explorar estritamente a possível noção de *texto* em Nietzsche que, como acontece em boa parte de seus contemporâneos filólogos, recebe um certo “silêncio” ao ser tratada, secundariamente, enquanto um “conceito fundamental implícito” no interior de outros temas⁴³. De modo geral, o argumento é o de que a “declaração de intenção” *nunca realizada* de Nietzsche de uma “filologia do futuro” possa ser compreendida como uma “incorporação da filologia dentro de seu posterior modo de pensar”⁴⁴. O que, de modo específico, significa tentar demonstrar como aquilo que chamo de “objeto texto” passa

³⁸ “In der Literaturwissenschaft hatte der Textbegriff zuvor eine philologische Bedeutung.” (KURZ, 2000, p. 210).

³⁹ Mencionando uma das recepções da filologia em Nietzsche na tradição (Howald (1920) und Svoboda): “Die Philologie spiele in Nietzsches Leben eine wichtige Rolle und habe stark auf die Entwicklung seiner Anschauung gewirkt.” (BENNE, 2005, p. 02).

⁴⁰ PORTER, 2000, p. 06.

⁴¹ Aquela abordagem inicial de um trato com a *objetividade* na disputa dos métodos da filologia do jovem Nietzsche que concebe que “há um texto, uma atual, estável e existente fonte sobre a qual as falsas interpretações foram gradualmente construídas”: JENSEN, 2013a, p. 200.

⁴² De acordo com Pichler, a partir do uso da “música” como modelo de um “tipo de organização dos signos” cuja descrição enquanto “estrutura de elementos sintática relacional sem uma codificada dimensão semântica” permitiria a elaboração de uma “teoria musical” como quer Fietz, e que resulta, a partir do exame dessa “faticidade dos textos”, numa ênfase sobre a noção de “significante”: PICHLER, 2014, p. 60.

⁴³ Cf. BARBOSA, 2020 e KNOBLOCH, 2010, p. 37.

⁴⁴ Aqui, sigo as reflexões de Benne sobre a questão embora reconheça que o intérprete não note (ao considerar “Ecce homo” como uma obra “direta e não ambígua”), tal como *aqui* destaque, que essa conjectura possa ser lançada especialmente para sua verificação nos elementos textuais da obra *Ecce homo* no desdobramento de uma prática [filológica] de uma “doxografia de si”: BENNE, 2005, p. 22.

pela discussão da filologia em Nietzsche e como ela é a principal ferramenta de produção desse “objeto” que culmina, por exemplo, numa das facetas do funcionamento da obra *Ecce homo* como *doxografia sofisticada de si*. Assim, o que interessa aqui é destacar exatamente o ponto em que a constatação e instrumentalidade das insuficiências de um (filologia), tornam o outro (noção de texto), um campo aberto de possibilidades por meio de um “efeito recriado”⁴⁵: no âmago do transcurso de uma “autossupressão” da filologia o reconhecimento de suas insuficiências e a exploração de seus paradoxos feitos por Nietzsche aprofundam seu “esgotamento” interno a partir de uma “técnica de ponta” sofista como *manifestação catastrófica* do discurso⁴⁶. É neste sentido que a noção de “texto” – vislumbrada por sua *dinamicidade complexa* que ampara a respectiva dimensão da “escrita”⁴⁷ e o singular experimento específico da “máquina de escrever”⁴⁸ que demarcam a “constituição material” da escrita e sua “autorreflexividade” ligada à noção de “autodeixis”⁴⁹ – pode ser compreendida no âmbito dessa complexidade que envolve o trabalho filológico e a reflexão radical de seu estatuto por meio de *experimentos* e insuficiências de elementos estritos a partir de *dentro*: materialidade do texto, corporeidade da escrita, efeitos tipográficos e embaralhamento dos gêneros textuais como apenas alguns dos índices daquilo que representaria ao filósofo alemão tornar *visível* certa “insuficiência de nosso

⁴⁵ Próximo a ideia de “autossupressão” que assumo aqui, Benne utiliza o sintagma “„umschaffende Wirkung“” para explorar a tese de que esse “efeito recriado” já [é] emanado no método filológico do jovem Nietzsche: “Möglicherweise ist es allzu kühn, die „umschaffende Wirkung“, die bereits für den jungen Nietzsche von der philologischen Methode ausgeht, zur Umwertung aller Werte im Antichrist in Beziehung zu setzen. Wie gezeigt werden wird, gibt es für die Stichhaltigkeit dieser These aber gute Anhaltspunkte.” BENNE, 2005, p. 29. O verbo alemão “schaffen” significa “criar” e sua forma adjetivada “schaffend”, “criado”. Conforme destaca o tradutor Paulo Cesar de Souza, “o prefixo *um* indica movimento circular, retorno, queda ou mudança” daí minha opção por “re-criado” In: NIETZSCHE, 2005a, nota 5, p. 119.

⁴⁶ A hipótese aqui é a de que há uma espécie de “Selbstaufhebung” da filologia acentuada a partir de uma *sofisticização* do discurso em Nietzsche que caracteriza *seu* “texto” e a *discursividade sofisticada*: Cf. CASSIN, 2015a, p. 109 e, especificamente, ZITTEL, 1998, p. 10-1.

⁴⁷ Especificamente, a constante reflexão de Nietzsche a partir de três elementos fundamentais como salienta Martin Stingelin: 1) “o elemento linguístico e, respectivamente, semântico do escrever”; 2) “a tecnologia exigida para sua expressão, bem como a instrumentalidade”; e, 3) “a corporeidade exigida por essa, assim também os gestos a ser adquiridos pelo treinamento da escrita” (STINGELIN, “Escrever” In: NIEMEYER, 2014, p. 177).

⁴⁸ Nietzsche foi uma dos primeiros filósofos a experimentar a máquina de escrever e, segundo mencionado em uma recente reportagem do jornal alemão *Spiegel*, “ela” o “levou ao desespero” (“Sie brachte Nietzsche zur Verzweiflung,”: <<https://goo.gl/vmcKir>>). A esse respeito Cf. especialmente o trabalho de Thomas RAHN: “RAHN, T. *Delle nuove tavole. Sull'arte tipografica come mezzo interpretativo in Nietzsche*” In: LOSSI; ZITTEL, 2015, pp-89-113 e, M.A. DISSER, 2006, pp. 47-51.

⁴⁹ “the self-referentiality in Nietzsche’s writing does not primarily affect the question of the nature of language or the problematization of expression but rather the question of the omnipresent self-reference of writing to its material constitution and the meaning that is directly linked to that autodeixis.” (ENDRES; PICHLER, 2013, p. 97).

conhecimento” aos “condicionantes gramaticais” da linguagem⁵⁰ e “heterogêneas possibilidades de expressão humana na linguagem”⁵¹, bem como, refletiria a produção de uma específica “*praxis* de irritação” cujo objetivo consiste em “aumentar a atenção do leitor para o próprio texto”⁵², para *o curso do discurso* mesmo, no quadro de uma modernidade em que *os escritos* são “monoliticamente” *orientados* na publicação de textos filosóficos⁵³. Nesse sentido, o que se segue é uma breve caracterização de alguns pressupostos teóricos da filologia junto a descrição do treinamento de Nietzsche que permitem lançar luz sobre *minha* compreensão de “texto” e sua efetiva performance no pensamento de Nietzsche e suas “obras” como “uma rede deliberadamente recursiva de comentários sobre comentários, prefácios, escritos e explicações”⁵⁴.

Com efeito, isto significa que o trabalho de exposição das linhas gerais de uma *pré-história da atividade filológica* é não apenas um esforço hercúleo, mas uma tarefa que, devido às limitações da presente investigação, deve ser reservada a outra ocasião. De qualquer forma, eminentemente de modo “incompleto e alusivo”⁵⁵ é importante reconhecer que dos achados das tabuinhas cuneiformes sumérias a 3200 a.C na cidade de Uruk⁵⁶ aos desdobramentos posteriores acerca do “relacionamento entre a educação clássica e as sociedades modernas” no “*Gymnasium* humanístico” alemão⁵⁷, por exemplo, a atividade filológica se consolidou como uma disciplina importante no

⁵⁰ Que Nietzsche “desde sua juventude já havia submetido (...) à crítica” (STINGELIN, “Escrever” In: NIEMEYER, 2014, p. 177).

⁵¹ “Aqueles reflexões das condicionantes e heterogêneas possibilidades de expressão humana na linguagem inspiraram o espírito experimental e móvel de Nietzsche durante sua vida” (STINGELIN, “Escrever” In: NIEMEYER, 2014, p. 178).

⁵² Elementos como a “irritação grafemática” nos escritos de Nietzsche são identificados como responsáveis por performar esse efeito de atenção do/a leitor/a: PICHLER, 2014, p. 108.

⁵³ “Yet openness of an oral culture is foreign to us. It is because we are so very monolithically text (letter, law) oriented” BABICH, 2013, p. 171. Como acima mencionado, algo já vislumbrado por Nietzsche desde a época de professor de filologia da Basileia: “nos es preciso aprender nuevamente a leer, pues hemos desaprendido a hacerlo a causa de la hegemonía de la letra impresa”, “la comprensión de lo escrito es difícil precisamente porque el estado de ánimo, el afecto, no consiente que se lo reproduzca por medio de signos” e “O espírito dos alemães é sufocado pela sua cerveja e pelos seus jornais” respectivamente: NIETZSCHE, 2013, pp. 301-2, p. 766 e, HDH II: NIETZSCHE, (edição digital), p. 101.

⁵⁴ “Nietzsche’s works form a deliberately recursive chain of commentaries on commentaries, prefaces, postscripts, and explanations” (BENNE, 2016, pp. 275-6).

⁵⁵ CASSIN, 2005, p. 211.

⁵⁶ Conforme destaca Michael HOLQUIST em nota: “Pesquisadores debatem se os hieroglifos egípcios podem estar um pouco antes ou contemporâneos com as tábuas sumérias, mas, é claro que escrita entra na história humana aproximadamente no fim do quarto milênio. Uruk, apropriadamente, é a cidade que foi governada por Gilgamesh. Cf. Damrosch (2006, esp. Chaps. 5 and 6, pp. 151–235)” (HOLQUIST, 2011, p. 269, nota 11).

⁵⁷ “Ideas about classical education were strongly influenced by this philosophical paradigm shift, as the new demands of science were transferred to two fields closely related to classical education: philology and pedagogy” (BOMMEL, 2015, p. 64).

Ocidente em direção a determinação de seu estatuto propriamente científico⁵⁸, especialmente, *à luz do século XIX* enquanto “método histórico-crítico”⁵⁹: seja pelo complexo de atribuições determinantes relacionadas à esfera dos “gramatikoi”⁶⁰ que contempla o universo “alexandrino” dos fins do século três de nossa era⁶¹, seja pela “abordagem mais ortodoxa para a interpretação textual”⁶² de Friedrich August Wolf que demarca *o fim da sacralização do texto*⁶³ e cuja eficácia metodológica “domina os debates sobre métodos filológicos pelo resto do século”⁶⁴, seja *comicamente* como ideal de “segunda esposa” em Guillaume Budé⁶⁵, seja ainda como ambição totalizante de “rainha das ciências” do qual o exemplo da *Enciclopédia Filológica* de August Böckh (1785-1867) é, fundamentalmente, decisivo⁶⁶. Na esquiwa de reconstruir *ab ovo* a gênese desse processo de *profissionalização da filologia*⁶⁷, podemos reconhecer que é

⁵⁸ A demanda de “influência” dessa mudança no final do século XVIII “sobre” as “ideias acerca da educação clássica” acontece, de acordo com Bommel, pelo surgimento da nova concepção do “conceito de ciência” (*Wissenschaft*) que, na esteira da compreensão da crítica de Kant e toda a ambição e “necessidade de clareza conceitual”, reverbera em ciências no plural (*Wissenschaften*) cuja demarcação específica na esfera da educação clássica modela a “pedagogia e a filologia”. Esse quadro permite observar a “ciência” (*Wissenschaft*) dos “historicistas” (BOMMEL, 2015, nota 5, p. 67) e a “formação” (*Bildung*) dos “humanistas” mobilizando uma importante tensão nas disputas de método para a filologia na metade do século XIX: BOMMEL, 2015, p. 64.

⁵⁹ “Die historisch-kritische Methode ist geboren, zumindest aus Sicht des neunzehnten Jahrhunderts” (BENNE, 2005, p. 29).

⁶⁰ Nesse ponto é curioso notar que dentre os possíveis sentidos de se compreender a exortação de Nietzsche n’*O Crepúsculo dos Ídolos* do *abandono da gramática* como alternativa ao condicionamento à *crença em deus*, está a intrínseca relação da “gramática” e do “gramático” na origem da “filologia” e da atividade do filólogo junto a tarefa da análise textual na Antiguidade com a qual ficou conhecida. Isso implica, por sua vez, uma crítica indireta à filologia diante da negligência desses condicionantes estruturais da linguagem: “In der antiken Überlieferung besteht die Tätigkeit des ›Philologen‹ (der zunächst noch ›Grammatiker‹ hieß, während der Name ›Philologe‹ allgemein für den Liebhaber der Rede, der Literatur und für den Gebildeten gebraucht wurde) aus vier bis sechs Teilaufgaben der Textanalyse” (KNOBLOCH, 2010, p. 33).

⁶¹ “Seit Ende des dritten Jahrhunderts etablieren sich dann die philologischen Wissenschaftler (meist wieder unter dem Titel grammatikoi), die ihre Kerntätigkeit in textkritischer und lexikographischer Arbeit, in Quellenforschung, Aufarbeitung von Realien, dem Erstellen von Chronologien und Kommentaren, grammatischen Analysen und metrischen Studien finden” (BENNE, 2005, p. 29).

⁶² ASHER, 1994, p. 3013.

⁶³ “Wolf instead opted for a secular, critical stance toward texts grounded in scholarship and rigorous method, as opposed to a mode of reading governed by faith and ecclesiastical authority – convictions held prior to examination of the text” (HOLQUIST, 2011, p. 273).

⁶⁴ Fazendo inclusive que Nietzsche declare-o como “meu grande predecessor”: Friedrich August Wolf, the venerable father of philology, Nietzsche names “my great predecessor” (Nachlass 1870/71, 7[79], KSA 7.156). JENSEN, 2011, p. 219; Cf.: ASHER, 1994, p. 3013.

⁶⁵ ASHER, 1994, p. 3012.

⁶⁶ Trata-se da repetição de seu seminário 25 vezes ao longo de seus 54 anos que confirmam tal devoção e comprometimento acerca da “definição e metodologia” da disciplina. Dedicção da qual Holquist chega a dizer que Böckh “leva essa tendência de intelectualidade imperialista ao extremo insuportável” em sua “Enciclopédia” e que pode ser refletida nos seminários (HOLQUIST, 2011, nota 40, p. 275).

⁶⁷ Enquanto por um lado, intérpretes identificam Frederick August Wolf “no centro do desenvolvimento da instituição da filologia”, por outro lado, Robert Scott Leventhal argumenta que “a base da teoria e prática filológica” pode “ser lincada diretamente a Heyne e ao Seminário filológico de Göttingen”: Respectivamente, HÜLTENSCHMIT; GRAFTON, Apud: LEVENTHAL, 1994, p. 240 e, LEVENTHAL,

exatamente nesse quadro de “reflexão intensa sobre a linguagem, o pensamento,” e “os textos (...)”⁶⁸ – seja como “ponto de referência central” de um “programa educacional” e suas transformações em torno de uma “ciência histórica”⁶⁹ – da atividade filológica enquanto “filologia clássica”⁷⁰ junto a seu esgotamento na ambição totalizante do final do século XIX que a formação e o relacionamento de Nietzsche com a disciplina permitem pensar o aporte dessa “autossupressão” cujo direcionamento é uma abertura de possibilidades à noção de *texto*.

Desse modo, reconhecendo o complexo transcurso histórico da atividade filológica no Ocidente⁷¹ e sua dupla conotação tradicionalmente conhecida como “amor

1994, p. 240.

⁶⁸ Refiro-me aqui as “observações e conhecimentos” que foram “sistematizados, compreendidos e nomeados conceitualmente” em “um processo profundo, concreto, abrangente de cientificização e historização da própria cultura...” que já na Antiguidade criam o conjunto de processos que constitui a filologia (CANKIK “*Filologia antiga (Filologia)*”, In: NIEMEYER, 2014, p. 213) e que em termos de “método” o próprio Nietzsche salienta a posse e conhecimento completo já na Antiguidade que é, porém, ignorado e transformado especialmente no “protótipo do falsificador e copiator” que foi Paulo (“dem Prototypen des Fälschers und Zurechtmachers” BENNE, 2005, p. 36): Veja-se a discussão de Benne a partir do aforismo 59 de *O Anticristo*, BENNE, 2005, p. 30: “(...) Todos os pressupostos para uma cultura douta, todos os *métodos* científicos já estavam presentes, já se havia fixado a grande, a incomparável arte de ler bem — esse pressuposto para a tradição da cultura, para a unidade da ciência; (...) *Tudo em vão!* (...) A nobreza do instinto, do gosto, a pesquisa metódica, o gênio da organização e da administração, a fé, a *vontade* para o futuro do homem, o grande Sim a todas as coisas visível como *Imperium Romanum*, (...) — E não soterrado repentinamente por uma catástrofe natural! Não pisoteado por germanos e outros patudos! Mas sim arruinado por astutos, furtivos, anêmicos, invisíveis vampiros! Vencido não — meramente sugado!” (NIETZSCHE, 2007, pp. 75-76).

⁶⁹ Sobre esse aspecto *pedagógico* já salientado acima com Bommel e, aqui, enfatizado por Gentili no fato da “filologia” ser esse “ponto de referência central” para o “programa educacional” na medida em que é “o instrumento do conhecimento para o ideal de Antiguidade atuando, simultaneamente, como ferramenta para uma nova determinação das tarefas do presente”; Bem como, o panorama de suas modificações a partir de seu novo “status de uma ciência histórica” (MUHLACK Apud: GENTILI, 2010, p. 16) que tem no “ideal pedagógico-humanístico de Wilhelm Humboldt” o exemplo “dessa modificada função da filologia” (Cf.: “3. *Neue Aufgaben der Philologie und Philosophie: der begriff der historischen Individualität bei Wilhelm von Humboldt und Schleiermacher*” In: GENTILI, 2010, pp. 15-21).

⁷⁰ Verto aqui o trecho esclarecedor de Benedeta Zavatta: “O desenvolvimento da linguística como um campo autônomo de estudo entre as *ciências do espírito (Geisteswissenschaften)* foi baseado na nova concepção de filologia clássica desenvolvida na Universidade de Göttingen graças a Christian Gottlob Heyne e Friedrich August Wolf. Na Alemanha, diferente da França e Grã-Bretanha onde a filologia era mera *Sprachstudium*, filologia era compreendida em um amplo sentido como *ciência da Antiguidade (Alterthumwissenschaft)* onde linguagem, religião, arte, usos e costumes tem igualmente uma importante função”: ZAVATTA, 2013a, p. 266.

⁷¹ Cf. como um dos índices dessa complexidade, o debate introduzido pelo indologista John Pollock (POLLOCK, 2009) sobre o estatuto contemporâneo da disciplina após sua “época de ouro” e cujo êxito do autor para legitimá-la, conforme salienta Michael Holquist, “none has succeeded in establishing a clear-cut definition of the discipline, or its place in the university as it is now constituted”: HOLQUIST, 2011, nota 2, p. 268. As questões e conclusões colocadas por Pollock parecem mobilizar ainda hoje os estudiosos: “The question, then, is whether it still makes sense to speak institutionally and epistemologically of ‘philology.’ Does this venerable title still signify a truly coherent field, and not rather a multitude of scattered currents and competing genealogies, differing national characteristics and inconsistent methodologies? And if we ask what philology is and what it can be, must we not also ask ourselves what it is that we do? And how, more importantly, we can continue to do it?” (BAJOHR; et al, 2014, p. 01).

das palavras” e mesmo como “histórica curadoria do texto”⁷², é lícito salientar que aquilo pelo qual designa a disciplina filologia enquanto “filologia clássica” e sua “elaborada forma” de uma “tradição metodológica” começa, efetivamente, a partir da “crítica”: ou seja, “com estabelecimento do texto sobre a base de manuscritos, excertos, citações, fontes, modelos”⁷³. De acordo com Benne ao descrever o processo no interior da “escola de Bonn”, essa “etapa primária” da “baixa crítica é complementada com a baixa hermenêutica” que corresponde à “etapa inicial da interpretação do texto”⁷⁴. Digno de nota é o fato de que esse aspecto aparentemente dicotômico da crítica textual da tradição pode ser entendido, grosso modo, como uma *dicotomia positivista*⁷⁵ que caracteriza a “filologia” como prática de “estabelecer um texto” e “criticamente comparar variantes textuais preservadas ou descobertas para o propósito de criar ou reconstruir uma possível variante canônica final” que, por sua vez, teria prioridade em relação à “hermenêutica” enquanto prática de “interpretação a partir de várias perspectivas da variante textual estabelecida como um resultado do trabalho filológico”⁷⁶. Esse aspecto torna possível assentir com Istvan Féher em sua problematização dessa *abordagem positivista* tradicional que o processo de “estabelecimento do texto não acontece sob as condições de laboratório como se [acontecesse] em um espaço vazio de interpretação” mas, ao contrário, destaca que “filologia e hermenêutica” estariam “multiplamente interligadas”⁷⁷. Para além das

⁷² O primeiro refere-se ao significado etimológico do termo “filologia” aqui aludido por Hans Ulrich Gumbrecht citando o dicionário Oxford (“interest in or fascination with words”) e, o segundo, refere-se a descrição usada em seu livro que implicaria a compreensão de 4 itens específicos que podem ser sumarizados da seguinte forma: 1) *prática ligada ao momento cultural*; 2) *emergência a partir do desejo do passado textual* (“identificação e restauração dos textos a partir de cada passado cultural em questão”); 3) diferenciação com a hermenêutica (“estabelece uma distância em relação ao espaço intelectual da hermenêutica e da interpretação como a prática textual que hermenêutica informa”); 4) exerce uma importância sobre “disciplinas que se ocupam com os mais cronologicamente e culturalmente segmentos remotos do passado” (p. 04): “philology is narrowly circumscribed to mean a historical text curatorship that refers exclusively to written texts” (GUMBRECHT, 2003, p. 02).

⁷³ “In der ausgearbeiteten Form dieser für Nietzsche maßgeblichen methodischen Tradition beginnt Philologie also immer mit Kritik, genauer: mit Herstellung des Textes auf der Grundlage von Handschriften, Exzerpten, Zitaten, Quellen, Vorbildern (manche Quellen können nur als Zitatenschatz interessant sein, um mit ihrer Hilfe andere Texte zu emendieren, die sie selbst ausgeschlachtet haben bzw. umgekehrt)” (BENNE, 2005, p. 97).

⁷⁴ “Dieses Stadium der sog. niederen Kritik wird ergänzt von der sog. niederen Hermeneutik als erstem Stadium der Textauslegung” (BENNE, 2005, p. 97).

⁷⁵ “According to the traditional (positivist) approach, any work in the humanities is articulated in two steps, one preceding the other” (FÉHER, 2012, pp. 114).

⁷⁶ “In this approach philology precedes hermeneutics and is ostensibly separated from it; and interpretation is built upon the results of philology” (FÉHER, 2012, pp. 114-15).

⁷⁷ “One of the basic theses of this present work is that the establishment of the text does not happen under laboratory conditions, as if in a space void of interpretation, and that thus philology and hermeneutics are multiply intertwined” (FÉHER, 2012, p. 150).

possíveis controvérsias que tal debate ensinaria para as “edições críticas”⁷⁸ que, inclusive tem, tanto revigorado contemporaneamente a *edição crítica das obras* de Nietzsche⁷⁹, quanto é um dos *nós* de enfrentamento da discussão do texto “anônimo” da tese de Cassin (e aparece também, como uma ampliação das possibilidades de elaboração do conceito contemporâneo de *texto*), a manutenção dessa abordagem dicotômica parece ainda muitas vezes *sancionada* de modo, aparentemente, não problemático⁸⁰. Se retomarmos a descrição do procedimento próprio da *filologia clássica* que especificamente a “escola de Bonn” segue enquanto “método” e que é fundamental na formação de Nietzsche, é possível sumarizar o processo da seguinte maneira: *Um texto é estabelecido sobre a base de um complexo textual em que a baixa hermenêutica atua de modo complementar a baixa crítica na etapa inicial de interpretação do texto com o qual se lê frase por frase sem levar em conta o contexto geral, mas sim estilo e gênero, na medida em que as diversas circunstâncias metatextuais são ilustradas pela explicação fatural; Assim, o comentário como forma extrema de uma tradução anotada é criado e, caso apareçam contradições de interpretação na baixa hermenêutica, a baixa crítica ou diagnóstica o corrompimento do texto ou, semelhante a uma conjectura, estabelece o texto como “filho preferido do filólogo”*⁸¹. Esse ponto parece central na medida em que podemos reconhecer que “no imaginário da filologia desde Wolf, Hermann e Friederich Ritsch (...) é o estabelecimento do texto a tarefa central do pesquisador”⁸² o que significa, o já mencionado, “estabelecimento dos dados a serem explicados”⁸³ como procedimento central da atividade filológica. O núcleo dessa determinação tão importante para a

⁷⁸ Por exemplo a discussão de Istvan Féher sobre as dificuldades sob as quais, exemplificando as edições críticas de Hegel, estariam “sempre condenadas ao fracasso”: “This fair (ideal-typical) scheme might work indeed in some – fortunate – cases; however, during the redaction process of (historical-critical) life-work editions of important thinkers it is often doomed to failure” (FÉHER, 2012, p. 115).

⁷⁹ Cf. por exemplo, as críticas de Wolfram Groddeck a edição da KSA e os trabalhos realizados a partir dessas críticas aos manuscritos e anotações de Nietzsche na edição KGW XI-9: PICHLER, 2014, p. 63.

⁸⁰ Apenas para ilustrar esse uso, no início de uma resenha na edição 40 da *Nietzsche Studien* de 2011, James Porter enfatiza uma importante “eterna lei da filologia” sobre a qual “novas edições geram novas escolas”. Com o intuito de, na sequência do texto, destacar os méritos da edição crítica das obras de Nietzsche, a KGW, e comentar algumas publicações sobre o tema “Nietzsche e os gregos”, Porter parece ilustrar exatamente o caráter dicotômico do tradicional “*approach*” positivista utilizado nas obras das humanidades: “It is an eternal law of philology: new editions spawn new scholarship” (PORTER, 2011, p. 343).

⁸¹ BENNE, 2005, p. 97.

⁸² O que reflete no processo de formação de Nietzsche desde Pforta: BENNE, 2005, p. 96; (Resumo do processo em MANSFELD, 1986, p. 44-45).

⁸³ “In der Vorstellungswelt der Philologie seit F.A. Wolf, Gottfried Hermann und Friedrich Ritschl ist nicht die Interpretation von Texten die zentrale Aufgabe des Forschers, sondern zuallererst seine Herstellung, nämlich als Herstellung des zu erklärenden Tatbestandes” (BENNE, 2005, p. 96).

compreensão da “disciplina” e sua história só contemporaneamente tem sofrido *em quase todos os seus aspectos* uma “transformação radical”, seja no âmbito de seu “objeto, escopo ou metodologia”⁸⁴ o que, todavia, talvez tenha feito os estudiosos polemizar sobre o *status de sua existência atual*⁸⁵. Em linhas gerais, o procedimento de estabelecimento do texto ancorado sob o pano de fundo da busca e reconstrução de um suposto texto “original” passa a perder fôlego na contemporaneidade na medida em que, especialmente o método de Lachmann, é problematizado⁸⁶. Desse modo, o que é aqui importante, e que nos auxilia a compreender o *locus* dessa atividade com a qual Nietzsche foi exemplarmente treinado, é o fato de que a *filologia*, para além dos “estudos literários” da “crítica” ou da “*germanística*”, é, tanto encontrada precisamente na “raiz” dessas disciplinas e pode ser concebida como algo que *as* “excede”, a partir de um “*amplo* sentido” em que, como “um termo abrangente que revela uma certa distância e atua como superfície genérica na qual se pode projetar ideais utópicos” quanto, especificamente, ainda “aquilo que incorpora o que pode ser chamado de ‘núcleo de competências’ dos estudos literários” que conjuga todo o complexo da determinação e constituição textual, suas complementariedades e facetas⁸⁷. Ao pensar o panorama atual que parece estar dividido em “três tendências” específicas, o status é de abertura de possibilidades na medida em que ou “a filologia” se localiza “em um impasse ou” ocorre “que sua crise perpétua pode ser parte de seu carácter geral”⁸⁸.

⁸⁴ “Since the days of Karl Lachmann, it seems that nearly every aspect of it has changed radically, be it the subject, scope, or methodology” (BAJOHR et al, 2014, p. 01).

⁸⁵ Cf. nota anterior 72 em que o indologista John Pollock é identificado no cerne do debate de “reabilitação” da filologia. Ainda aqui, vale ressaltar que alguma coisa da *dificuldade e indecidibilidade* da noção de filologia que abala o *lugar* da chamada “rainha das ciências” (HOLQUIST, 2011, p. 275) no meio acadêmico contemporâneo aparece no início da aula inaugural de Nietzsche, intitulada “Homero e a filologia clássica”, em que o jovem filólogo reitera “não existir” em seu tempo “uma opinião pública unânime e claramente reconhecida sobre a filologia clássica” (KGW II/1 247-269). É a partir dessa dificuldade de definição no interior de um quadro de variações que tornam a “identidade da filologia” algo “indistinto” na medida em que, como disciplina, “é amplamente percebida como tendo morrido em algum ponto do passado” e que ela passa a ser “agora percebida por muitos como moribunda” (HOLQUIST, 2011, p. 269), ou seja, parte então de “um campo agora extinto” (““now defunct field,””) DUTTON, Apud: POLLOCK, 2009, p. 934.

⁸⁶ Logo adiante retorno ao tema do método de Lachmann na descrição da formação de Nietzsche: “(...) weil sich die Perspektive der meisten Philologien auf ihren Gegenstand verändert hat: Es steht nicht mehr (nur) das Original (die ‚Urfassung‘) im Vordergrund, sondern Phänomene wie Textgenese, Textrezeption und Textüberlieferung nehmen deutlich mehr Raum ein” (BEIN, 2015, p. 43).

⁸⁷ Que, grosso modo, poderia ser simplificada pela expressão acima de Gumbrecht de “histórica curadoria do texto”: “Traditionally, these ‘core competencies’ entail the constitution of texts and textual criticism; stemmatics and the edition of manuscripts; the delineation of the transcript history of documents and their provenance; identifying fragments and writing commentaries; and taking care of the text in general—whether that care be of an immaterial nature, as with the corpus of a work, or of a material nature, as the subject of archival ministrations and scrutiny” (BAJOHR et al, 2014, pp. 01-2).

⁸⁸ Aspecto que, no entender dos autores, “revela a nova-descoberta confiança na possibilidade não apenas da sobrevivência da filologia, mas também de sua contínua utilidade como uma ampla ou enfática

Nesse sentido, é o trabalho de formação de Nietzsche junto aos diferentes *métodos* de abordagem do problema que parece configurar toda a riqueza da instrumentalização da filologia pelo filósofo alemão.

Antes de assentir com a declaração de que Nietzsche “permanece filólogo durante toda a sua vida produtiva”⁸⁹ é preciso ainda explicitar, mesmo que de modo breve, o reflexo de um certo “ostracismo” que o filósofo recebe, bem como, *as diferentes fases do relacionamento de Nietzsche com a filologia*⁹⁰ e como isso permite reconhecer a instrumentalização daquela mencionada *autossupressão* da filologia. Assim, acerca do primeiro ponto, é importante aqui questionar, com o auxílio da irônica indagação de Ranjit Chatterjee, a recusa histórica obtida por Nietzsche no círculo acadêmico dos grandes filólogos clássicos do fim do século XIX: “por que alguém, a ser declarado um gênio filólogo (...) tem pouco a ver com a linguística subsequente?”⁹¹; E ainda, por que apesar de todas as *acusações* de “fascista, antisemita e misógino” ele *nunca recebe a alcunha de “linguista”*⁹²? A interrogação acima é interessante porque permite compreender a amplitude da disputa em curso que envolve, de modo geral, o *desafio* mais amplo entre “humanismo clássico” e “filologia científica” após o “despertar de Kant”⁹³ e, de modo específico, a complexa consolidação da “definição e metodologia” da disciplina⁹⁴ no transcurso de sua configuração enquanto prática

disciplina”. As três tendências são as seguintes: “(1) a movement *away from the text* that is connected to thematic and methodological expansion; (2) an antithetical movement *back towards the text* that is connected with a revaluation of the competencies of textual work as the discipline reworks itself; (3) and an increasingly elaborate *self-reflection* on the history and practice of philology” (BAJOHR et al, 2014, p. 02).

⁸⁹ Após o intérprete comentar o surgimento da segunda extemporânea sobre a história em contraste com a primeira obra publicada de Nietzsche, NT: “This is not to suggest that Nietzsche did not remain a philologist during his entire productive life – quite the contrary, the point here is that despite his contributions to numerous fields and disciplines, Nietzsche consistently approached his work with the ethos, method and skill of a philologist” (DEL CARO, 2004, pp. 11-12).

⁹⁰ BENNE; SANTINI, 2013, 173.

⁹¹ “Why has someone, declared to be a philologist of genius, appointed Professor of Philology – as the professional study of language was then known – at the University of Basel at twenty-four, given his doctorate with examination exempted by Leipzig, birthplace of comparative linguistics, why has Nietzsche had so little to do with subsequente linguistics?” (CHATTERJEE, 1984, p. 25).

⁹² “Fascist; anti-Semite; misogynist;” como “serious charges” em termos de desqualificação de Nietzsche: “The one charge not brought against Nietzsche is *linguist*” (CHATTERJEE, 1984, p. 25 e p. 26).

⁹³ Especificamente no que se refere à “transformação da filologia clássica iniciada por Wolf e Creuzer” que coloca, segundo Bommel, “um maior desafio ao ideal de educação do humanismo clássico” a partir de três principais aspectos: 1. *a dificuldade dos classicistas justificarem o foco sobre literatura clássica após o “Kantian turn” que descredibiliza o conceito de “schöne Wissenschaft”*; 2. a dificuldade de manter a “visão tradicional de educação clássica” a serviço de “um propósito não-vocacional”, isto é, a tendência dos “filologistas clássicos” de “equilibrar a educação do homem com o estudo profissional, especializando em filologia científica” e, por fim; 3. uma vez que “a tradicional distinção entre as *schöne Wissenschaften* e ‘as ciências superiores’” já parece não se sustentar, as “escolas estão em risco de perder sua relativa independência para a universidade” *BOMMEL, 2015, pp. 80-81).

⁹⁴ Veja-se Böckh (Cf.: BOMMEL, 2015, p. 65; HOLQUIST, 2011, p. 275) e o completo desenvolvimento

“científica” e “historicismo” do fim do século XIX⁹⁵. É exatamente esse pano de fundo que nos faz pensar o que é, e qual a amplitude dessa disciplina, que era “compreendida no amplo sentido de ciências da Antiguidade” em que “linguagem, religião, usos e costumes” atuavam como funções importantes⁹⁶: isto é, um panorama de *confisco* e “ostracismo” de Nietzsche⁹⁷ como filólogo profissional em que se tem um negativo *parecer*⁹⁸ (de autores como Willamowitz, Usener e Diels) “quase unânime” cuja única exceção na defesa da excelência do filólogo Nietzsche parece ser “Bursian” no que se refere aos “estudos filológicos, especialmente sobre Diógenes Laércio”⁹⁹. Como já é sabido e descortinado pela *Pesquisa-Nietzsche*¹⁰⁰, aquilo que demarca a manutenção dessa recusa histórica é, basicamente, a *querela*, considerada ainda como “controvérsia violenta”¹⁰¹, que a publicação do livro *O Nascimento da tragédia* em 1873 produz no âmbito acadêmico da filologia: “poucas semanas” após a publicação deste, “o jovem filólogo berlinense Wilamowitz-Moellendorff” publica o panfleto “*Filologia do futuro!*” que desqualifica por completo o trabalho de Nietzsche na medida em que não reconhece “qualquer base científica e valor metodológico” ao escrito¹⁰²; aspecto esse,

das “Enciclopédias filológicas” como ambição de “ciência pura”, isto é, o “Kant da filologia” (Christian GAVE, “Kant of philology” Apud: BOMMEL, 2015, p. 78) desde Wolf que culmina (diferente do que concebiam Wolf e Creuzer: BOMMEL, 2015, p. 81) na incompatibilidade entre “humanismo clássico” e “filologia científica”. Cf.: Capítulo “1. The Challenge of Science” (pp. 64-105) e, de modo especial, o subitem “Classical philology as ‘pure science.’ Friedrich August Wolf” (BOMMEL, 2015, pp. 75-78).

⁹⁵ Disputa que, segundo Bommel, está “ainda aberta”: “Although scholarship on the scientification of classical philology is immense, as far as the conflict between science and humanism is concerned, most scholars restrict themselves to observing that Wolf’s foundation of *Altertumswissenschaft* has “left philology and (...) the humanities with a dilemma” that is “still open.” (BOMMEL, 2015, p. 67). Sobre o termo “historicismo”: “The conflict between classical humanism and scientific philology has also often been described as a conflict between classical humanism and *historicism*” BOMMEL, 2015, nota 5, p. 67.

⁹⁶ “in Germany philology was understood in a wider sense as *Alterthumswissenschaft*, where language, religion, art, usages and customs played equally important roles” (ZAVATTA, 2013a, p. 266).

⁹⁷ Ver item “1.1. Del ostracismo a la popularidad” de Diego Sánchez meca em nota introdutória ao volume II da edição dos “escritos filológicos” para a língua espanhola: MECA, In: NIETZSCHE, 2013, pp. 15-21.

⁹⁸ De acordo com a carta 265 de 25 de outubro de 1872 de Nietzsche a seu amigo Erwin Rohde, Usener a quem Nietzsche *estima*, chega a dizer sobre NT: “o verdadeiro absurdo que não servem para nada: alguém que escreve algo assim está cientificamente morto”, “In Leipzig ist eine Stimme über meine Schrift: wie sie lautet, hat der brave und von mir sehr geachtete Usener in Bonn, vor seinen Studenten, die ihn gefragt haben, verrathen „es sei der baare Unsinn, mit dem rein gar nichts anzufangen sei: jemand, der so etwas geschrieben habe, sei wissenschaftlich todt.“” <#eKGWB/BVN-1872.265>.

⁹⁹ “Eine der wenigen Ausnahmen von dieser fast einhellig ablehnenden Stellung der Philologenschaft war Bursian, der sich in seiner *Geschichte der klassischen Philologie in Deutschland* (München u. Leipzig 1883, 929) günstig über N. s. philologische Studien, insbesondere über die Diogenes Laertius betreffenden aussprach.” ORSUCCI, “Altphilologie”, In: OTTMAN, 2011, p. 428.

¹⁰⁰ Especialmente: CALDER, 1983, pp. 214-254 e MANSFELD, 1986, pp. 41-58.

¹⁰¹ “Violent controversy” LLOYD-JONES, Hugh, Apud: JENSEN, 2013b, p. 76.

¹⁰² “Nur wenige Wochen nach Erscheinen der *Geburt der Tragödie* veröffentlichte der dreiundzwanzigjährige Berliner Philologe Wilamowitz-Moellendorff sein Pamphlet *Zukunftsphilologie!*, in dem er der Schrift N. [ietzsche]s jegliche wissenschaftliche Basis und jeglichen methodischen Wert absprach” (UGOLINI, “Philologica”, In: OTTMAN, 2011, p. 157).

que repercute *fatalmente* sobre seus contemporâneos e *arruína a reputação* de Nietzsche como filólogo¹⁰³ produzindo assim “a imagem que se difundiu dele no mundo acadêmico como inimigo da ciência”¹⁰⁴, cuja recepção de antemão o próprio Nietzsche tem conhecimento e a retrata em carta, citando o juízo do *respeitável* filólogo Hermann Usener que considera “morto para a ciência alguém que tenha escrito algo assim”¹⁰⁵. O peso desse julgamento, mesmo com tentativas de contraposição¹⁰⁶, tem relegado ao nome de Nietzsche um fascínio por parte dos filólogos que oscila da “repulsão e repressão à curiosidade persistente”¹⁰⁷. Por outro lado, é importante salientar o fato de que o pano de fundo que hospeda essa *querela* é ainda o contexto da disputa entre as escolas alemãs das chamadas “ciências da Antiguidade” acerca da complexa consolidação da “definição e metodologia” da disciplina cuja orientação se dá por meio de uma polarização de tendências filológicas denominadas “Wortphilologie” e “Sachphilologie”¹⁰⁸. Apenas para ilustrar, em sua análise da *Segunda Extemporânea* de Nietzsche no “contexto dos estudos filológicos do século XIX”, Anthony Jensen caracteriza as duas vertentes dessa polarização no intuito de demonstrar o contexto em torno do qual tais correntes levariam até Ritschl, que parece ser o mobilizador fundamental da assimilação (ou não) dos métodos dessas escolas por parte de Nietzsche¹⁰⁹. Enquanto a “Wortphilologie” teria como principal expoente Johann

¹⁰³ NIEMEYER, “GT: O nascimento da tragédia a partir do espírito da música”, In: NIEMEYER, 2014, p. 252. Reputação que os discípulos de Wilamowitz-Moellendorff reiteraram posteriormente. Bem como: ORSUCCI, “Altphilologie”, In: OTTMAN, 2011, p. 428.

¹⁰⁴ Conforme salienta Meca, o pouco interesse da tradição aos escritos filológicos de Nietzsche é refletido, por um lado, no juízo dos filósofos segundo o qual a filologia de Nietzsche seria apenas “uma fase superada e deixada para trás” que interessaria apenas como ponto de abordagem para encontrar algum distante tema filosófico anterior quanto, por outro lado, o interesse para os filólogos dá-se apenas enquanto chancela de banimento e exclusão promovidos pelo juízo de Wilamowitz-Möllendorf sobre o *Nascimento da Tragédia* de “acientífico, ignorante e insolente” cuja sansão se estende então aos demais trabalhos filológicos de Nietzsche: MECA, In: NIETZSCHE, 2013, p. 15.

¹⁰⁵ “In Leipzig ist eine Stimme über meine Schrift: wie sie lautet, hat der brave und von mir sehr geachtete Usener in Bonn, vor seinen Studenten, die ihn gefragt haben, verrathen „es sei der baare Unsinn, mit dem rein gar nichts anzufangen sei: jemand, der so etwas geschrieben habe, sei wissenschaftlich todt.“ Es ist als ob ich ein Verbrechen begangen hätte;” <#KGWB/BVN-1872,265>.

¹⁰⁶ A polêmica resposta do amigo de Nietzsche Erwin Rohde intitulado “Afterfilologie”: PORTER, 2000, p. 16.

¹⁰⁷ PORTER, 2000, p. 13 e, de modo especial, nota 20 em que Porter salienta como Diels menciona em carta a Zeller de 26 de Julho de 1897, que “Nietzsche é “apenas atrativo psicologicamente como ele é, apesar disso, repulsivo””, p. 292.

¹⁰⁸ “Die Altertumswissenschaft war in Deutschland bekanntlich seit dem großen Philologenstreit zwischen dem ‚Wortphilologen‘ Gottfried Hermann und dem ‚Sachphilologen‘ August Boeckh in zwei Lager gespalten.” BENNE, 2005, p. 52.

¹⁰⁹ Em nota, Jonathan Barnes menciona uma carta de Nietzsche ao amigo Paul Deussen de 4 maio de 1867 (KGB 1/2, p. 205 [no. 539] = BAB II, p. 127 [no. 333]) que conteria um “tributo a Ritschl” BARNES, 1986, nota 12, p. 18. Rogério Lopes também destaca, por exemplo, a pretensão de Nietzsche de publicar um dos projetos filológicos (numa adesão dos métodos de Valentin Rose) jamais levado a diante sobre Demócrito, numa “coletânea dedicada a Ritschl”: LOPES, 2008, nota 154, p. 193.

Gottfried Jakob Hermann e, seria a escola filológica, muitas vezes chamada de “positiva” e “crítica”, que “aproxima-se da Antiguidade com as ferramentas de correção textual, códices e criticismo literário”¹¹⁰, a “*Sachphilologie*”, com August Böckh como representante, estaria interessada em “demonstrar a amplitude do espírito da escrita da Antiguidade e implantar este ideal no interior dos corações e mentes de seus estudantes”, enquanto denominação de uma concepção “‘hermenêutica’, ‘antiquária’ e ‘humanística’”¹¹¹. Mesmo reconhecendo o fato dessa divisão ser um tanto “simplista”, Jensen destaca também uma espécie de continuidade no decorrer dessa polarização segundo a qual teríamos, de um lado, Hermann, Lachmann e Wilamowitz-Möllendorff (*Wortphilologie*) e, de outro lado, Böckh e Otto Jahn (*Sachphilologie*) que seria uma básica polarização entre as escolas, respectivamente, de Leipzig e Bonn¹¹². O mais interessante disso tudo, como salienta Jensen, é que Ritschl parece estar *politicamente* dividido, uma vez que *migra* a revista de filologia “*Rheinisches Museum für Philologie*” da escola de Bonn para Leipzig e, enquanto um “Hermaniano com crescentes simpatias em torno do antiquarismo”, Ritschl “falha ao abraçar as duas tradições” na medida em que “aos olhos de Lachmann, Haupt e agora Jahn,” aparentaria estar “conduzindo algo como um golpe”¹¹³. Como um *bom discípulo que então supera o mestre*, Nietzsche, de acordo com Jensen, “em seus primeiros dois livros, com a eficácia de uma nova voz, rejeita ambas as tradições posicionando-se numa terceira forma própria”¹¹⁴ uma vez que o filósofo alemão não se permite manter nessa *querela*, reduzida ao âmbito da “estupidez”¹¹⁵. Nesse sentido, característico é o fato de que

¹¹⁰ “The first of which has sometimes been labelled ‘positive’, ‘critical, or *Wort-Philologie*, approaching antiquity with the tools of textual emendation, codices, and literary criticism” (JENSEN, In: DRIES, 2008, p. 215).

¹¹¹ “demonstrate the writ-large spirit of antiquity and to implant that ideal into the hearts and minds of their students, was variously named ‘hermeneutical’, ‘antiquarian’, ‘humanistic’, or *Sach-Philologie*” (JENSEN, In: DRIES, 2008, p. 215).

¹¹² Conforme destaca Benne “Ernst Vogt demonstrou que a disputa entre Hermann e Böckh não [era], como comumente se assume, baseada sobre a oposição entre a pesquisa da crítica-gramatical e antiquarismo-histórico mas, “primariamente sobre uma diferente compreensão da linguagem” (1979:116) Para Hermann [o] domínio da linguagem já inclui a competência [linguística], para Böckh era ela mesma [a competência] um objeto da filologia entre outros objetos”: “Ernst Vogt hat nachgewiesen, dass der Streit zwischen Hermann und Boeckh nicht, wie gemeinhin angenommen, auf einem Gegensatz von grammatisch-kritischer und historisch-antiquarischer Forschung beruhte, sondern „primär auf einem unterschiedlichen Verständnis von Sprache.“ (1979:116) Für Hermann schloss Sprachbeherrschung Sachkenntnis schon mit ein, für Boeckh war sie selbst Objekt der Philologie unter anderen Objekten (ebd.). BENNE, 2005, p. 52.

¹¹³ JENSEN, In: DRIES, 2008, p. 218.

¹¹⁴ “in his first two books, with a powerful new voice, reject both traditions on the way to positing a third way of his own” (JENSEN, In: DRIES, 2008, p. 218).

¹¹⁵ “In the end, Nietzsche's resignation was plain: ‘Wort- und Sach- Philologie – stupid quarrel’” JENSEN, In: DRIES, 2008, p. 227. e “Cumprer lembrar que Nietzsche desprezava a disputa metodológica

precisamente a ressonância dessa *querela* na contemporaneidade permita a Michel Holquist apontar o ano de publicação da obra de Nietzsche como a *demarcação* do fim da “era de ouro” da “filologia clássica” e a “renúncia” *profissional* do filósofo alemão¹¹⁶. Sem adentrar na controvérsia específica, é interessante destacar que não apenas Nietzsche “foi um classicista promissor”¹¹⁷ e que, portanto, “manejou profissionalmente os instrumentos e métodos de estudos da Antiguidade”¹¹⁸ a partir de um amplo domínio *textual* somado ao “amplo conhecimento em muitos aspectos da ciência da Antiguidade” que formaram então, as “disciplinas autônomas auxiliares (história antiga, epigrafia, numismática, arqueologia)” como, essa *formação* permite ao filósofo alemão, inclusive, realizar uma profunda crítica aos filólogos de seu tempo como “caçadores de minhocas” por meio de figuras “faustianas” que, por exemplo, o estudo de Demócrito revela¹¹⁹. Ademais, tanto “em sua apresentação inaugural na Basileia” intitulada “*Homero e a filologia clássica*” Nietzsche “segue o jeito de seus mestres [Ritschl e Curtius] olharem para o tema” da filologia¹²⁰, quanto “a obra de Herman permeia o trabalho filológico de Nietzsche”¹²¹. Conforme salienta Porter e ao que indica o olhar detido aos trabalhos filológicos, essa *rejeição e exclusão* de Nietzsche pelos filólogos de seu tempo e pela tradição parece apenas um dos resultados de uma crescente inquietação metódica pelo qual Nietzsche tanto “explora os paradoxos da filologia clássica”¹²², quanto “está constantemente pressionando a questão da comensurabilidade precária da filologia a seus objetos”¹²³ num contexto que o próprio filósofo parece *expressar* “um mal-estar difundido na segunda metade do século XIX” do

entre Sprach e Sach-philologie, classificando-a como uma ‘estupidez’ (Nachlass/FP 1875, 5[106]. KSA 8, 67)” (NASSER, 2015, p. 98).

¹¹⁶ “I hope, suffice for purposes of this short essay to limit the example of philology to what is widely conceded to be its Golden Age: from April 8, 1777 (when the first student matriculated for an academic degree in the subject) to 1872 (the year in which the young philologist Friedrich Nietzsche effectively renounces his profession in *The Birth of Tragedy*)” HOLQUIST, 2011, p. 271.

¹¹⁷ “(...) he at least deserves to be remembered in the history of philology as the gited and promising classicist that he was—surely as one of the more promising and least realized classicists of all time” (PORTER, 2014, p. 27).

¹¹⁸ “estudo dos manuscritos, crítica das fontes, técnicas editoriais, análise histórico-crítica” (CANKIK, “*Filologia antiga (Filologia)*” In: NIEMEYER, 2014, p. 213).

¹¹⁹ CAMPIONI, 2013, p. 15.

¹²⁰ “His inaugural lecture at Basle in May 1869, *Homer und die klassische Philologie*, confirms that he had chosen to follow his masters’ way of looking at the subject” (ZAVATTA, 2013a, p. 266).

¹²¹ “Furthermore, the work of Hermann himself pervades Nietzsche’s *philologica*” (JENSEN, 2008, nota 16, p. 219).

¹²² Aqui, especialmente em relação aos estudos de Nietzsche sobre o “ritmo”: “Nietzsche is exploring the paradoxes of classical philology, and so his theory is a much a metacritical one as it is a positive (albeit skeptical) contribution to the history an ancient field” (PORTER, 2000, p. 27).

¹²³ Neste ponto, especificamente ao que se refere às questões trabalhadas na “Encyclopedia”: “Nietzsche is constantly pressing the question of philology’s precarious commensurability to its objects” (PORTER, 2000, p. 28).

qual se tem primazia as “atitudes da prática filológica” que a figura do “criado Wagner” do “doutor Fausto” representa para ele¹²⁴: isto é, as limitações de se assemelhar a “trabalhadores de fábrica a serviço da ciência”¹²⁵.

Consequentemente, acerca das *diferentes fases do relacionamento de Nietzsche com a filologia*, é bastante conhecido o fato de que o filósofo não apenas *dedica vinte e um anos de sua vida à disciplina*¹²⁶ como também, “sempre permanece no desenvolvimento de seu pensamento [...] uma reflexão sobre o status e a tarefa da pesquisa filológica”¹²⁷. Embora tivesse um “apreço por explorar diversas áreas”, Nietzsche possuía “conhecimento metódico” apenas em filologia¹²⁸: esta “ciência” que “molda o jovem Nietzsche” de maneira mais intensa do que qualquer outra “ciência” e que *inspira*, sem dúvidas, o “interesse da pesquisa” do filósofo¹²⁹. Além disso, a mudança do paradigma da filologia em geral a partir do ano de 1890 é produzido por interferências de autores de outras disciplinas cujo vislumbre é de grande interesse para Nietzsche¹³⁰. Todavia, de acordo com Christian Benne e Carlota Santini “a relação de Nietzsche com a filologia” pode ser dividida nos seguintes termos: 1) “Nietzsche como aluno e estudante de línguas clássicas e filologia clássica no Ginásio de Naumburgo”¹³¹; 2) “Professor de filologia na Basileia”¹³² que é simultâneo a 3) “[Nietzsche] como

¹²⁴ Em artigo de 2013 Giuliano Campioni demonstra como a crítica de Nietzsche aos “trabalhadores filológicos” passa pela identificação às figuras faustianas do *filólogo que fica feliz em encontrar uma minhoca na sua escavação de toupeira*: CAMPIONI, 2013. O que é aqui confirmado ao reconhecermos com Benne que a crítica de Nietzsche à *filologia* é em primeiro lugar “contra a forma de existência dos filólogos, dirigida contra a profissão e não contra a ciência como tal”: “Kaum jemand scheint erkannt zu haben, dass sich seine philologiekritischen Äußerungen in erster Linie gegen die Existenzform des Philologen, gegen den Berufsstand richten und nicht gegen die Wissenschaft als solche” (BENNE, 2005, p. 22).

¹²⁵ BENNE, 2005, p. 99.

¹²⁶ “Nietzsche hat vom Eintritt in die Pforte bis zur Aufgabe der Basler Professur insgesamt Jahre lang, also gut die Hälfte seines bewussten Lebens, den größten Teil des Tages der Philologie gewidmet, darunter die intellektuell prägenden Jahre der Jugend” (BENNE, 2005, p. 01).

¹²⁷ “Hervorzuheben gilt es zunächst, dass Nietzsches Interesse an der Philologie nach der «philosophischen Wende» keineswegs erlosch. Vielmehr ging die Entwicklung seines Denkens von den vier *Unzeitgemässen Betrachtungen* bis hin zum *Antichrist* stets mit einer Reflexion über den Status und die Aufgaben der philologischen Forschung einher” (GENTILI, 2010, p. 09).

¹²⁸ “Nietzsche, der es liebte, auf vielen Gebieten zu dilettieren, besaß nur in dieser Disziplin gründliche und methodische Kenntnisse” (BENNE, 2005, p. 01).

¹²⁹ “Die Philologie hat Nietzsche früher und wohl auch nachhaltiger geprägt als jede andere Wissenschaft. (...) Anthropologische, ethnologische, naturwissenschaftliche und verwandte Forschungsinteressen, denen er sich seit den 70er Jahren mit zunehmender Intensität widmete, waren in ihrem Ursprung entweder von philologischen Fragestellungen inspiriert oder wurden an den methodischen Standards der Philologie gemessen” (BENNE; SANTINI, 2013, p. 173).

¹³⁰ ORSUCCI “*Altphilologie*” In: OTMANN, 2011, p. 429.

¹³¹ “(I) Nietzsche als Schüler und Student der klassischen Sprachen und der Klassischen Philologie im Naumburger Dom-Gymnasium, dem Eliteinternat Schulpforta und an den Universitäten Bonn und Leipzig;” (BENNE; SANTINI, 2013, p. 173).

¹³² “(II) Nietzsche als Professor der Philologie in Basel, der sich zugleich...” (BENNE; SANTINI, 2013, p. 173).

renegado filólogo que desafia sua disciplina com sua nova compreensão radical da Antiguidade, inspirada pela estética e filosofia contemporânea” pela qual “fornece crescente função e orientação para a filologia no sistema de formação e na sociedade”¹³³ ; 4) “Nietzsche como defensor dos princípios metodológicos da filologia histórico-crítica”¹³⁴ e, finalmente o 5) “crescente aparecimento do carácter ambivalente da filologia” *ambientado* por um “ceticismo”¹³⁵. Nesse sentido, ao formarem uma “unidade” os dois últimos itens tem uma importância específica aqui, na medida em que integram tanto uma “sobreposição temporal” quanto uma conexão “sistemática” no sentido de refletir “o significado da filologia para a obra de Nietzsche em contraste com a questão da atividade de Nietzsche como filólogo”¹³⁶.

Com efeito, Nietzsche não apenas foi formado em uma “universidade” que era sinônimo de “método” por excelência¹³⁷, como também obteve um treinamento específico “na filologia clássica da escola de Bonn” *constituída* pela “clássica ciência da Antiguidade”¹³⁸ a partir da “combinação da crítica textual e pesquisa de fontes com prosódia, métrica, epigrafia e estudos histórico-literários”¹³⁹ cujo principal propósito era, o já mencionado, “estabelecimento do texto e sua interpretação crítica a fim de assegurar a tradição”¹⁴⁰. Ao mesmo tempo que a “universidade de Bonn” foi sinônimo de *universidade* do “método”, seu “excepcional representante”¹⁴¹ Friedrich Ritschl tem seu nome também associado a “sinônimo de método” porém, de forma mais ampla,

¹³³ “(III) als philologischer Renegat erprobte, indem er seine Disziplin mit einem radikal neuen Verständnis der Antike herausforderte, das von der zeitgenössischen Philosophie und Ästhetik inspiriert ist und zunehmend Rolle und Ausrichtung der Philologie in Bildungssystem und Gesellschaft infrage stellte;” (BENNE; SANTINI, 2013, p. 173).

¹³⁴ “(IV) Nietzsche als Verteidiger methodischer Prinzipien der historisch-kritischen Philologie: nach Aufgabe der Professur und dem Bruch mit Wagner spielt die Philologie in einem sehr allgemeinen Sinn eine rhetorisch wichtige Rolle als Instrument in der Hand des freien Geistes und als Bundesgenossin gegen „Hinterweltler“ aller Art;” (BENNE; SANTINI, 2013, p. 173).

¹³⁵ “(V) schließlich kommt zunehmend wieder der ambivalente Charakter der Philologie zum Vorschein, deren eingebauter Skeptizismus auch ein Nihilismus sein kann, der stellvertretend für das asketische Ideal steht” (BENNE; SANTINI, 2013, p. 173).

¹³⁶ “Doch bilden die beiden letzten Phasen nicht allein wegen ihrer zeitlichen Überlagerung eine Einheit, sondern weil sie auch systematisch zusammengehören: als Frage nach der Bedeutung der Philologie für Nietzsches Werk im Unterschied zur Frage nach Nietzsches Tätigkeit als Philologe” (BENNE; SANTINI, 2013, pp. 173-4).

¹³⁷ “Bonn wurde die Universität der „Methode“ schlechthin.” BENNE; SANTINI, 2013, p. 177.

¹³⁸ “Ein Schwerpunkt der 1818 gegründeten Universität Bonn war – ähnlich wie in Berlin – die klassische Altertumswissenschaft. Die Verbindung der Philologie mit Religionsgeschichte und Archäologie gehörte zum Programm” (CANKIK, 2000, p. 23).

¹³⁹ “Bonner Schule der klassischen Philologie, und in ihrem Geist wird Nietzsche hauptsächlich erzogen, heißt die Verbindung von Textkritik und Quellenforschung mit prosodischen, metrischen, epigraphischen und literaturhistorischen Studien” (BENNE; SANTINI, 2013, p. 177).

¹⁴⁰ “Die Etablierung von Texten und ihre kritische Auslegung zum Zwecke der Sicherstellung der Überlieferung war ihr wesentliches Anliegen” (BENNE; SANTINI, 2013, p. 177).

¹⁴¹ “Der überragender Repräsentant der Bonner Schule” (BENNE, 2005, p. 46).

como “do século XIX”¹⁴² e parece justamente tal *atmosfera* em torno da figura do mestre latinista que “fascina Nietzsche até o fim da vida”¹⁴³. Isso é importante pois destaca precisamente os principais elementos que modelam a experimentação do método na formação de Nietzsche. Conforme destaca Benne, “a filologia histórico-crítica” (a quarta etapa descrita acima da relação de Nietzsche com a filologia) “não é um paradigma homogêneo” na medida em que “a filologia de Ritschl se distingue do método estritamente científico baseado na crítica do texto e das fontes”¹⁴⁴. Mesmo considerando essa prática científica que é a filologia, a partir de uma singularidade tal que *o modo de leitura nunca se confunde com outras disciplinas relacionadas*¹⁴⁵, atuando no horizonte de um “rigor de método” e “distância crítica” porém, “nunca puramente formal”¹⁴⁶, cuja “dissecação pode ser lida como prática do ceticismo”¹⁴⁷, há ainda, sempre o risco de *perder-se* na atenção à *parte* que o trabalho “microcopista” de *trabalhador filológico e escavador profissional* impõe¹⁴⁸. Esse parece ser o preciso “medo” de Nietzsche (*tornar-se um trabalhador de fábrica a serviço da ciência*)¹⁴⁹ que impulsiona sua crítica aos filólogos profissionais de seu tempo em contraste com uma possível *instrumentalização criativa*¹⁵⁰ que o método *histórico-crítico da filologia* de

¹⁴² “Ritschl Name war geradezu Synonym der „Methode“ des neunzehnten Jahrhunderts” (BENNE, 2005, pp. 48-9).

¹⁴³ “Der überragender Repräsentant der Bonner Schule – „vir incomparabilis Ritschelius“, wie Nietzsche ihn in einem Brief an Mushacke vom 15. Juli 1867 mit bewundernder Ironie nennt (I.2:220), hat Nietzsche bis an sein Lebensende fasziniert” (BENNE, 2005, p. 46).

¹⁴⁴ “Die historisch-kritische Philologie, deren Bedeutung für Nietzsches Denken hier behauptet wird, bildet kein genau abgegrenztes, homogenes Paradigma: die Philologie Friedrich Ritschis weist einige Merkmale auf, die sie vom Hauptstrom der auf Text- und Quellenkritik beruhenden, streng wissenschaftlichen Methode unterscheidet, der sie normalerweise zugeordnet wird” (BENNE, 2005, p. 46).

¹⁴⁵ “Die Art und Weise ihres Lesens unterscheidet die Philologie als Disziplin von verwandten Disziplinen” (BENNE; SANTINI, 2013, p. 178).

¹⁴⁶ “Sie verstand sich als hart und unerbittlich in der Strenge ihrer Methodik, die gleichwohl nicht rein formal sein soll, sondern Strenge eher in der kritischen Distanz zur eigenen wissenschaftlichen Phantasie praktiziert” (BENNE; SANTINI, 2013, p. 177 e BENNE, 2005, p. 59).

¹⁴⁷ BENNE; SANTINI, 2013, p. 178.

¹⁴⁸ Respectivamente, “microcopista histórico-natural da linguagem” e “micrologistas desagradáveis”: NT 20 “naturhistorischer Sprachmikroskopiker”, <#eKGWB/GT-20>, NIETZSCHE, 2007, p. 119 e Co.Ext II, HL, 2 “peinliche Mikrologen”, <#eKGWB/HL-2>, NIETZSCHE, 2003, p. 18.

¹⁴⁹ “Em vista do rigor e concentração do método da crítica do texto compreende-se absolutamente o medo de Nietzsche em tornar-se um “trabalhador de fábrica a serviço da ciência” (KGW I.4:222f) que, ao fim, não sente mais nenhuma inclinação, [não] compreende coisas grandes e diminui ao vulgo as faculdades filosóficas”: “Angesichts der Strenge und Konzentration textkritischer Methodik ist Nietzsches Befürchtung durchaus nachzuvollziehen, zum „Fabrikarbeiter im Dienste der Wissenschaft“ (KGW I.4:222f) zu werden, der am Ende keine Neigung mehr verspürt, größere Dinge zu erfassen und zum Vulgus der philosophischen Fakultät absinkt.” BENNE, 2005, p. 99.

¹⁵⁰ Por exemplo, acerca da ambivalência que recobre o escrito “Nós filólogos”: “Nietzsche estiliza temporariamente a filologia como uma ocupação anêmica de auxiliares que é diametralmente oposta a uma filosofia criativa”: “Nietzsche stilisiert die Philologie zeitweilig zur blutarmen Beschäftigung von Hilfsarbeitern, die einer schaffenden Philosophie diametral entgegensteht.” BENNE, 2005, p. 21-22.

Ritschl inspirava com sua “abertura intelectual”¹⁵¹. Em suma, são os seguintes requisitos da “escola de Bonn” – esses “continuadores de Humboldt e Wolf”¹⁵², – que, a meu ver, exercem uma principal força de influência na formação filológica de Nietzsche seja para *adesão* ou *crítica* e *transformação* desses elementos no interior de um uso propriamente “filosófico”, quicá “sofístico” junto ao *texto*¹⁵³: 1) *Rigor*; 2) *Foco no exame em pontos individuais*; 3) *Foco na exposição dos resultados do exame em pontos individuais*; 4) *Intuição é considerada*; 5) *Crítica do texto*; 6) *Relação entre crítica e hermenêutica*; 7) *Leitura como atividade característica*; 8) *Fundamento empírico*.

1) *Rigor*: em primeiro lugar, “a filologia em Ritschl se estabelece em direção a um indiscutível ethos” cuja demanda exige propriamente ““inexorável rigor contra toda meia medida no pensamento””¹⁵⁴.

2) *Foco no exame em pontos individuais*: devido ao fato de ter como “objetivo o conhecimento universal da Antiguidade” a filologia desta *escola* “concentra-se, no trabalho diário, em pontos individuais que devem ser examinados de maneira exaustiva”, sendo assim, como salienta Benne, “esse compromisso” é o que propicia tanto a “dimensão” do *método* quanto sua “limitação” na medida em que, como procedimento de “dedicação ao detalhe”, para Nietzsche, faz com que *se perca de vista o amplo contexto*¹⁵⁵.

3) *Foco na exposição dos resultados do exame em pontos individuais*: tem na “exposição” desses “pontos examinados” seu “tratamento essencial” cujo anseio fundamental remete a um possível “arredondamento artístico”. Aqui a preocupação com o “leitor” parece ser o ponto decisivo da influência de Ritschl para Nietzsche¹⁵⁶.

4) Como uma filologia “não puramente formal” o procedimento de Ritschl

¹⁵¹ “(...) wie sie schätzte er die besondere Mischung aus wissenschaftlicher Strenge und intellektueller Offenheit” (BENNE, 2005, p. 46).

¹⁵² “Die Bonner Schule verstand sich ferner, und das ist vor allem bei Welcker, aber durchaus noch bei Ritschl der Fall, als Fortfuhrer Wilhelm von Humboldts und Friedrich August Wolfs” (BENNE, 2005, p. 55).

¹⁵³ A mencionada “autossupressão” da filologia em sua vasta amplitude seja como “incorporação da filologia dentro de seu posterior modo de pensar” (BENNE, 2005, p. 22) como “*ephexis* na interpretação” (Por exemplo, na interpretação elaborada n’*O Anticristo*”: AC 44 e 52), seja de modo especial como a instrumentalização e subversão de *praxis* filológicas colocada em atuação na *textualidade dos escritos* (*emendatio*, radicalização do uso da pontuação, etc) cuja ênfase por fim destaque para aquilo que compreendo como *doxografia sofisticada de si* em *Ecce homo*.

¹⁵⁴ “(1) Philologie baut bei Ritschl auf einem unumstößlichen Ethos auf, das „unerbittliche Strenge gegen jede Halbheit im Denken“ (Bickel, 1946:22) fordert” (BENNE, 2005, p. 60).

¹⁵⁵ “Diese Selbstverpflichtung macht die Größe, aber auch die Beschränkung der Ritschl-Schule aus. Während und nach dem Studium kritisiert Nietzsche die Hingabe an das Detail, welches die weiteren Zusammenhänge aus dem Auge verliert” (BENNE, 2005, p. 61).

¹⁵⁶ “Mehr als andere Gelehrte dachte Ritschl an den Leser und forderte dies auch von seinen Schülern (Schmid, 1984:passim)” (BENNE, 2005, p. 61).

consiste numa abordagem que dá abertura para uma “forma de crítica de adivinhação-subjetiva” a partir do trabalho com “fatos”¹⁵⁷ que, em certa medida, “concede primazia ao caráter atuante do filólogo, estimulando que ele usufrua de suas intuições” e que parece ter sido aquilo que faz Nietzsche “conferir suporte filosófico para o subjetivismo presente” nesse “método crítico”¹⁵⁸.

5) *por duas razões* “a pedra de toque” da filologia “é a crítica textual”: a) “textos são os mais importantes monumentos da tradição”, b) “natureza pedagógica” (*crítica textual é uma importante faculdade do método filológico que pode ser estudado em exemplos manejáveis como a conjectura crítica e imaginação*)¹⁵⁹. Em complemento a abertura que o item (4) fornece, “a conjectura crítica” pode ter surgido para Nietzsche como uma possibilidade de *praxis* de um *poie*¹⁶⁰ na medida em que, com a ferramenta da “emendatio” se obtém “pulsantes melhoramentos” ou ainda as mais “especulativas equivalentes” dessa *práxis* que são as “conjeturas”¹⁶¹.

6) *Relação entre crítica e hermenêutica: não se separam na prática mas devem teoreticamente ser mantidas a parte.*

7) *a atividade característica do filologista é a LEITURA, isto é, explorar o corpo-texto como organismo com atenção a materialidade do suporte dos escritos: por isso a importância no método de Ritschl do estudo do “ritmo e do metro”*¹⁶². Existe contudo, dois diferentes métodos de leitura: a) *eficiente, penetrante crítica leitura estática (LENTA)* e b) *a superficial que aponta ao rico conhecimento e segurança da linguagem*. Conforme Benne destaca em nota, tal distinção desaparece na tradição da filologia alemã permanecendo ainda no “norte da europa”, por exemplo, na Dinamarca¹⁶³.

8) A ênfase na erudição somado a uma certa “abstinência filosófica” coloca o

¹⁵⁷ “Diese auswählende und divinatorisch-subjektive Form der Kritik soll jedoch kein zufälliges Ratespiel abgeben, sondern durch Tatsachen abgesichert sein, die ohne Beteiligung der Persönlichkeit des Philologen ermittelt werden” (BENNE, 2005, p. 61).

¹⁵⁸ NASSER, 2015, p. 97.

¹⁵⁹ BENNE, 2005, p. 61.

¹⁶⁰ “Die Konjekturekritik galt ja immer bis zu einem gewissen Grad als Neu- und Nachdichtung (vgl. Jensen, 1963:89)” (BENNE, 2005, p. 62).

¹⁶¹ “Emendationen sind schlagende Verbesserungen, Konjekturen ihre spekulativere Entsprechung (plausible Vermutungen, die, modern gesprochen, falsifiziert und nicht verifiziert werden müssen)” (BENNE, 2005, p. 97).

¹⁶² “Lesen ist das Erkunden des Textsoma als tatsächlichem Körper bzw. Organismus. So waren etwa metrische und rhythmische Studien für Ritschl von hoher Bedeutung. Lesen ist die verinnerlichte Ausübung von Kritik und Hermeneutik nach einem Grad der Verflechtung, der sie unauflöslich macht, also einer Exegese, die sich auf Schritt und Tritt selbst beobachtet und kritisiert” (BENNE, 2005, p. 63).

¹⁶³ “Diese nützliche Unterscheidung ist aus den neuphilologischen Studienordnungen in Deutschland leider verschwunden. In Nordeuropa, etwa in Dänemark, spielt sie jedoch nach wie vor eine wichtige, sogar prüfungsrelevante Rolle” (BENNE, 2005, nota 106, p. 63).

método no âmbito do “cânon” de uma “fundação empírica”. Ao “conscientemente” Ritschl transferir o “cosmopolitismo de Goethe para a ciência” se tem um ganho de “experimento contínuo” em relação aos métodos mais dogmáticos da época¹⁶⁴.

Consequentemente, “é o treinamento filológico que possibilita fértil fundamento para a adoção de Nietzsche do pensamento científico” e suas primeiras “anotações de filologia”, como salienta Benne, tais elementos apontam precisamente para o fato de que “seu interesse metodológico nas ciências empíricas está enraizado na escola de Bonn da filologia clássica”¹⁶⁵.

Assim, para além da descrição desses aspectos estruturantes da formação filológica de Nietzsche, eu gostaria ainda de *exemplificar* o tema do “ritmo” como um elemento importante que é tematizado, de modo especial, em trabalhos dessa época da filologia e que surge posteriormente, a meu ver, como nuclear numa das características dos escritos de Nietzsche, isto é, não como *teorização específica do tema*, mas como uma *práxis*, que opera sob uma “orientação para a linguagem falada” orientada pela “metáfora-do-ouvido” e que culmina, dentre outras coisas, numa “*musicalização ou ritmização*” de seus escritos e cuja sutileza da “prosa rítmica” aparece como característica importante dessa pluralidade que caracteriza diferentes vozes e posições chamando atenção para a disposição corpórea que vem a tona em suas expressões.

Nesse sentido, o “conceito e o fenômeno do ritmo” foi uma constante presença nos escritos de Nietzsche ao longo de sua carreira¹⁶⁶ e parece ter sido um dos *elementos centrais* de seu pensamento¹⁶⁷. Seja pelo interesse datado de 1864 para a elaboração dos estudos dos fragmentos de Simônides e o problema da forma rítmica elaborado, posteriormente em 1868¹⁶⁸, seja pelos dois cursos ministrados sobre “métrica e ritmo clássico” no “*Paedagogium*” e na Universidade da Basileia¹⁶⁹, seja a partir dos quatro

¹⁶⁴ “Der Rangstreit unter den Künsten sei ebenso verwerflich wie der zwischen den Nationen: Ritschl überträgt bewusst Goethes Kosmopolitismus auf die Wissenschaft (ebd.)” (BENNE, 2005, p. 65).

¹⁶⁵ BENNE, 2005, pp. 65-6.

¹⁶⁶ PORTER, 2000, p. 127 e GÜNTHER, 2008, p. 01.

¹⁶⁷ “Le rythme occupe en effet une place centrale dans la pensée de Nietzsche parce qu’il constitue un domaine privilégié qui permet d’opérer la jonction entre la philologie, la philosophie et la musique” (CORBIER, 2009, p. 04).

¹⁶⁸ “The second of his publications was an article on the Danae fragment by Simonides and the problem of its rhythmical form (1868). Although the study was conceived in 1866, his interest in the problem dates back to 1864 while he was at Bonn.” PORTER, 2000, p. 128; Ainda aqui: “Von 1864 bis 1868 untersucht Nietzsche die Rhythmik des Danae-Fragments von Simonides;” GÜNTHER, 2008, p. 01. “*Beiträge zur Kritik der Griechischen Lyriker I: Der Danae Klage*” (KWG, 2.I: 59-74); Veja-se a carta 525 de Nietzsche para Georg Curtius de Novembro/Dezembro de 1866 <eKGWB/BVN-1866,525>, carta 573 para Paul Deussen de 2 de junho de 1868 <eKGWB/BVN-1868,574> e carta 574 para Ervin Rohde de 6 de junho de 1868 <eKGWB/BVN-1868,574>.

¹⁶⁹ “He offered two courses on classical metrics and rhythm, first in the summer semester of 1869 (A

cadernos sobre o tema elaborados entre 1870-72¹⁷⁰, seja pelas passagens nuançadas ao longo dos textos publicados¹⁷¹, seja pelos “planos” e menções em apontamentos póstumos do período intermediário e tardio, seja pelas cartas trocadas com o músico e amigo Carl Fuchs ao longo de toda sua carreira¹⁷², em todos esses momentos da reflexão teórica de Nietzsche sobre o tema é possível reconhecer e assentir com Porter, que tanto o interesse do filósofo alemão “se desenvolve lentamente”, quanto esse interesse sobre o ritmo e o metro *nunca cessam*, tendo de forma especial, uma concentração revigorada sobre “os primeiros estudos do ritmo e do metro”¹⁷³. A partir de um conjunto de quatro grupos de *cadernos de anotações* entre os anos de 1870-73¹⁷⁴, Nietzsche trabalha com “fontes múltiplas” e “contraditórias” suas reflexões sobre o ritmo¹⁷⁵. De modo especial, em 1870-71 o filósofo estuda a “*Elementa rhythmica*” de Aristoxeno de Tarento para elaborar sua crítica às teorias dos filólogos modernos¹⁷⁶. Nesse sentido, o “ponto de partida” da reflexão de Nietzsche sobre o ritmo e que configura “sua inovação” é “seu insight acerca do ritmo quantitativo e completa incomensurabilidade desse com a moderna dinâmica do ritmo”¹⁷⁷. Assim, o objetivo de Nietzsche era o de “determinar as mudanças da sensibilidade dos gregos e então, dos modernos, em relação às qualidades sonoras da linguagem, sua música e os movimentos da linguagem e do som através do tempo”¹⁷⁸. Ao encontrar um “abismo que separa as

Paedagogium, taught at the gymnasial level but not at the university, which explains its absence from Stroux’s catalogue...) and then again at the university in the winter semester of 1870/71” (PORTER, 2000, nota 7, p. 333).

¹⁷⁰ “Griechische Rhythmik”, “Aufzeichnungen zur Rhythmik und Metrik”, “Zur Theorie der quantitativen Rhythmik” e “Rhythmische Untersuchungen” CORBIER, 2009, p. 03; PORTER, 2000, p. 130 e nota 7, p. 333; (Cf. KGW II 3, S. 99 – 338).

¹⁷¹ Por exemplo, passagens como a “batida ondulante do ritmo” e sua “força figuradora” nas primeiras seções d’*O Nascimento da Tragédia* (NT §2, NIETZSCHE, 2007, p. 31.) ou ainda nas posteriores descrições das “espécies de atividades da humanidade (homem é uma criatura que molda forma e ritmo)” e a isolada descrição da dinâmica da “vontade de poder”, suas “pulsações”, seu “interior metabolismo”, suas “formas de intermitência” e sua “variedade de tempos e ritmos” (1885-87) e, por fim, em 1888 pela caracterização de Nietzsche dos estados apolíneo e dionísio “em termos de ‘uma diferença em tempo’, ou seja, uma alteração na percepção comum de ‘tempo e espaço’” (PORTER, 2000, p. 127).

¹⁷² Especialmente carta 1097 de Nietzsche a Carl Fuchs que recapitula toda a discussão de juventude no ano de 1888 <#eKGWB/BVN- 1888,1097> e traduzida para o português por Fernando Barros no Vol. 3. – nº 2, da *Revista Trágica*: BARROS, 2010, pp. 132-141.

¹⁷³ PORTER, 2000, nota 7, p. 333.

¹⁷⁴ Conforme salienta Corbier tais anotações fazem parte de: “«Griechische Rhythmik»; «Aufzeichnungen zur Rhythmik und Metrik»; «Zur Theorie der quantitativen Rhythmik»; «Rhythmische Untersuchungen» (vgl. KG-W II 3, S. 99 – 338)” (CORBIER, 2009, p. 03).

¹⁷⁵ “les métriciens modernes, notamment Rudolph Westphal; les rythmiciens antiques, au premier rang desquels figure Aristoxène de Tarente; Schopenhauer; Wagner. Ce sont ces sources multiples et parfois contradictoires que Nietzsche tente d’organiser entre 1870 et 1873” (CORBIER, 2009, p. 04).

¹⁷⁶ Especialmente em oposição a Bentley, Hermann e Rudolph Westphal: CORBIER, 2009, p. 06.

¹⁷⁷ PORTER, 2000, p. 143.

¹⁷⁸ “The aim, in a word, was to determine the changing sensibilities of the Greeks, and then of the moderns, with respect to the sound qualities of language, its “music”, and to the movements of language

duas realidades culturais” entre antigos e modernos, Nietzsche chega a acusar “o inteiro desenvolvimento da visão moderna, de Bentley a Westphal” como a “história de um erro”¹⁷⁹. No entanto, o modo como o filósofo reflete sobre o ritmo no contexto de juventude, por exemplo, enseja uma interpretação sobre a qual não se tem “consenso”¹⁸⁰. Acerca dessa controvérsia, eu aceito com Babich que a “o papelestilístico da música” em NT, e mais precisamente, a meu ver, no que se refere as discussões sobre o “ritmo” em Nietzsche, deve-se mais “às descobertas de Nietzsche” acerca do metro grego e suas relações entre “música e palavra” do que algo da “sensibilidade musical” do filósofo ou mesmo sua afinidade com Richard Wagner¹⁸¹. Assim, a partir de uma “absoluta confiança” em sua “nova” descoberta¹⁸², “anunciada” como sempre, “de maneira excitante” em sua correspondência¹⁸³, Nietzsche revela “um ‘abismo’ que separa duas realidades culturais” no que concerne a percepção do fenômeno do ritmo: a “dinâmica” moderna da “sílabas-tônica”, o chamado “ictus” e o “sistema de duração temporal (*Takte*)” dos gregos. Precisamente esse “abismo” (que fundamenta por extensão toda incompreensão dos modernos acerca dos gregos) que, segundo Nietzsche, baliza sua crítica à modernidade e poderia ser resumida numa espécie de problema acerca do aspecto “monolítico” de uma “cultura textual”¹⁸⁴. No centro da constatação desse “abismo” está o *insight* de Aristoxeno sobre a “identidade” do fenômeno do ritmo que Nietzsche radicaliza: a distinção fundamental entre o “ritmo” e “seus objetos” é o que faz a “identidade do ritmo parecer precária” na medida em que

and sound through time” (PORTER, 2000, p. 134).

¹⁷⁹ Carta de Nietzsche a Carl Fuchs de abril de 1886: “die ganze Entwicklung der Metrik von Bentley bis Westphal als Geschichte eines Grundirrhums.” <#eKGWB/BVN-1886,688>; Cf.: DUFOUR, 2001, p. 227; PORTER, 2000, p. 134.

¹⁸⁰ Tal problemática, que não discutiremos devido a limitação de tempo, consiste na “aceitação” ou não de uma “continuidade” entre as reflexões de Nietzsche sobre o ritmo em três momentos precisos: a) *textos específicos da época de professor de filologia* (1864-68); b) *anotações de 1870-71 sobre o ritmo na antiguidade*, ligadas a teoria de Aristoxeno e; c) *seu primeiro livro publicado, O Nascimento da Tragédia* de 1872. Aqui a mencionada “continuidade” é colocada em dúvida devido ao teor da mobilização da discussão nesse terceiro momento influenciado pela teoria musical de Richard Wagner. Sobre a ausência de um “*communis opinio*” veja-se: GÜNTHER, 2008, p. 03.

¹⁸¹ “The stylistic role of music in *The Birth of Tragedy* requires less a review of Nietzsche's personal sensibility to music (though this matter) or an account of his friendship with Richard Wagner (although this is a crucial element) than it fundamentally presupposes the question of the relation Nietzsche had uncovered between «music and words» in his theory of meter and rhythm in ancient Greek” (BABICH, 2005, pp. 47-8).

¹⁸² “Nietzsche fait montre d’une absolue confiance dans ses découvertes philologiques” (CORBIER, 2009, p. 02).

¹⁸³ “Nietzsche excitedly announces his ‘discovery’...” PORTER, 2000, p. 133. Cf.: Carta a Rohde de 23 de novembro de 1870 <#eKGWB/BVN-1870,110>.

¹⁸⁴ Conforme já mencionado, trata-se da falta de sensibilidade dos modernos para a cultura oral completamente estranha a uma herança da determinação “monoliticamente orientada do texto” (BABICH, 2013, p. 171).

o “ritmo” não se confunde com “corpos feito rítmicos” e, então, “aquilo que é percebido, de fato, são estruturas de *relações* – de tempo” não um “ritmo *per se*”. Com efeito, ao radicalizar a “teoria baseada na percepção” de Aristoxeno, Nietzsche “coloca sob dúvida” a “objetividade do ritmo” que está “em jogo”¹⁸⁵. Como uma “simplificação” inevitável, a própria perspectiva de Nietzsche é uma “idealização” que, segundo Porter chama “atenção” por sua “plausibilidade inicial”. Na medida em que “o ritmo é uma idealização do tempo” e a “percepção do tempo é ela mesma uma idealização daquilo que é percebido”, então, “falar de ‘tempo’ e ‘força’ é ilusoriamente redutivo”¹⁸⁶. É por meio do reconhecimento dessa “indeterminação” do fenômeno do ritmo que Nietzsche compreende a “dinâmica da acentuação” moderna como *sendo* “ela mesma duracional” na medida em que “aquilo que manifestamos através do ictus foi expresso por retardações e acelerações”¹⁸⁷. Consequentemente, ao privilegiar em sua análise o conceito de “alogia”, Nietzsche leva as últimas consequências essa “indeterminação” do ritmo a partir de sua ligação ao “dátilo” e a “irracionalidade” que “é a característica central de todo ritmo grego”¹⁸⁸. Alogia, segundo Nietzsche, como “ritmo Dátilo”, reflete a “fundamental irracionalidade” do ritmo grego e uma “dissonância” em sua “não obediência a uma exata equivalência de medida” (*Taktgleichheit*). Em linhas gerais, a principal diferença é que comparado ao moderno “*Affekt-Rhythmik*”, o grego “*Zeit-Rhythmik*” era não apenas composto por “proporções regulares e aritméticas”, mas elaborado “sobre padrões irregulares e assimétricos”¹⁸⁹. De acordo com Nietzsche o erro da tradição filológica estaria em identificar a “sílabo tônica”, isto é, o “ictus” não como uma “medida de tempo”, “*mensura temporis*”, mas como uma “intensificação da voz”¹⁹⁰. O que me parece mais interessante é o fato de que, como salienta Porter, tanto as leituras de Nietzsche sobre o ritmo, as notas sobre o atomismo temporal de Demócrito¹⁹¹, quanto as tardias reflexões nos apontamentos

¹⁸⁵ “Nietzsche is here taking to an extreme Aristoxenus’ perception-based theory.” e “At stake is nothing less than the objectivity of rhythm, which Nietzsche proceeds to put into doubt from both the modern and ancient perspectives.” Respectivamente: PORTER, 2000, p. 150 e 149.

¹⁸⁶ PORTER, 2000, p. 151.

¹⁸⁷ “After all, dynamic accentuation is itself durational” (PORTER, 2000, p. 152; Cf.: Nota 87, p. 345).

¹⁸⁸ PORTER, 2000, p. 153.

¹⁸⁹ CORBIER, 2009, p. 01.

¹⁹⁰ “Stressing a beat through the ictus is the fundamental error that, according to Nietzsche, blocks our way to a correct understanding of ancient meter and, as a consequence, of the culture of antiquity. Stress through the ictus – still audible in the typical “droning” of the school recital – overlays the affectless, geometric-temporal proportioning in which Nietzsche sees the essence of classical verse” (MULLER-SIEVERS, 2015, p. 149).

¹⁹¹ De acordo com Porter “os estudos de Nietzsche nas teorias clássicas do ritmo dos gregos e romanos coincide com seu interesse em Demócrito” em que os “átomos” são sobretudo, “átomos de ritmo”:

póstumos sobre o tema, revelam o complexo de interesses relacionado à hipótese de Karl Ernst von Baer que Nietzsche se utiliza, por exemplo, na leitura sobre Heráclito no texto sobre os filósofos pré-platônicos. Nesse sentido, a hipótese de von Baer tinha como interesse “localizar a base subjetiva da percepção na fisiologia pelo isolamento da *mínima* sensação temporal, [...] mas também a proporcional relação do índice de vibração/pulso para o índice de sensação consciente”¹⁹². Em consequência disso, “ritmo” para Nietzsche “continua a ser usado mais no sentido estrito de música, dança e linguagem, ou num estendido sentido filosófico” relacionado aos âmbitos mencionados¹⁹³. Günther ainda amplia essa compreensão ao reconhecer que o “ritmo” em Nietzsche está situado numa posição limítrofe “entre os pólos da solidificação e dissolução arquitetônica, entre ‘columbarium’ do conceito e liquefação de toda margem de significação, entre as correntes e o desencadeamento”: aspecto tal que permitiria assumir o ritmo não apenas como fenômeno “poetológico”, mas como “fenômeno antropológico” em Nietzsche¹⁹⁴. Por fim, do uso que Nietzsche faz dos *insights* de Aristóxenes, alinhando-os, sobretudo, à hipótese de von Baer, chegando a “descoberta” do “ritmo quantitativo” nos gregos que ele problematiza a partir da noção de “alogia” e pelo “ritmo dátilo”, em toda essa complexa reflexão o conceito de “ritmo” é tanto compreendido de maneira “distinta de seus objetos”, isto é, das formas rítmicas, quanto identificado num “efeito limite” sobre o tempo, bem como, é ainda caracterizado enquanto “estrategicamente indeterminado por todas as suas especificidades” em sua distinção com o “metro”, ou seja, “diferente do metro, o ritmo não tem estrutura definida” sua unidade é vazia e, como salienta Nietzsche, “sem fim”¹⁹⁵. Portando, em conexão com a complexa discussão de Nietzsche sobre o “ritmo” e, se assentirmos com Fietz, que “o tempo é também um momento de estabilização de significado na linguagem”¹⁹⁶ então, é exatamente esse tipo de autocompreensão da linguagem que

PORTER, 2000, pp. 131-3.

¹⁹² PORTER, 2000, nota 2, p. 332.

¹⁹³ PORTER, 2000, p. 129.

¹⁹⁴ “Der Rhythmus bewegt sich wie die Sprache in Nietzsches Bild vom Begriffsdom zwischen den Polen der architektonischen Erstarrung und der Auflösung, zwischen „Columbarium“ der Begriffe und Verflüssigung aller Bedeutungsgrenzen, zwischen Ketten und Entfesselung. Aus diesem Grund bezeichnet er bei Nietzsche grundsätzlich kein ausschließlich poetologisches, sondern ein anthropologisches Phänomen” (GÜNTHER, 2008, p. 183).

¹⁹⁵ PORTER, 2000, nota 97, p. 347.

¹⁹⁶ “Nietzsches Interpretation der Sprache [...] macht deutlich, daß die Zeit auch in der Sprache ein bedeutungs-stabilisierendes Moment ist, daß die starren Zuordnungen von Signifikant und Signifikat jederzeit gefährdet sind, da die Signifikanten mit der Zeit in Bewegung geraten und die Signifikate (insofern beide eben nicht rein von-einander zu trennen sind) mitreißen” (FIETZ, Apud: PICHLER, 2014, p. 58).

colocaria a disposição de Nietzsche todo tipo de *instrumentalização* das mais *variadas formas do tempo nos escritos*¹⁹⁷ numa performance de “antidogmatismo” *textual* de seu pensamento¹⁹⁸ que remonta efetivamente a um efeito *logológico* de uma “retórica do tempo”¹⁹⁹ num contexto em que o “princípio da fala rítmica” foi “beletristicamente utilizado” e “expressivamente refinado” com elementos como “ponto e vírgula, dois pontos, travessão, ponto de exclamação e interrogação”²⁰⁰ em uma complexa performance de “musicalização ou ritmização” dos escritos²⁰¹. Ainda aqui, de acordo com a *Pesquisa-Nietzsche* muito daquilo que é compreendido como sendo parte da noção de “ritmo” em Nietzsche é, de alguma maneira, modulado, conduzido e produzido pela materialidade dos elementos de pontuação somado à justa ordenação das palavras e sentenças precisas em sua combinação fônica na organização sintática em uma língua que, mesmo não possuindo uma *ordem livre das palavras*, como no grego, sua “riqueza morfológica dos casos” ainda “pode permitir que elementos dependentes evitem a sujeição a ordenação fixa, seja entre si ou ao constituinte do qual eles dependem”²⁰².

Conforme se apresenta minha hipótese, a construção dos elementos *literarizantes* em *Ecce homo*, em especial o que denomino como “hipotiposes” junto à performance de uma *monumentalidade*, a meu ver, remete à radicalização da prática filológica de Nietzsche de “descoberta/invenção”²⁰³ da “*Persönlichkeit*” tal como

¹⁹⁷ “Nietzsche demonstrates in his writings is the immense variety of forms that time can assume even from within the single vantage point of a given cultural perspective” (PORTER, 2000, p. 166).

¹⁹⁸ Se se reconhece todo o complexo de elementos para entender, como quer Pichler, “o significado da textualidade da filosofia de Nietzsche”: “(...) Diese unterscheidet sich von der Tradition, wie der gerade behandelte Abschnitt zeigt, eben nicht nur durch ihren Anti-Dogmatismus (vgl. WI 6, S. 3), sondern auch durch eine diesen Anti-Dogmatismus literarisch umsetzende Schreib- und Publikationspraxis” (PICHLER, 2014, pp. 72).

¹⁹⁹ CASSIN, 2005, pp. 200-201.

²⁰⁰ “Das sprechrhythmische Prinzip wurde im 19. Jh. belletristisch weitergenutzt und expressiv verfeinert bei Semikolon, Doppelpunkt, Gedankenstrich, Ausrufungs- und Fragezeichen (Stenzel 1970; Simmler 1994a)” (POLENZ, 1999, p. 363).

²⁰¹ Que ainda passa por uma instrumentalização da unidade silábica cuja compreensão parece ser a que: “o estudo da sílaba a partir do modelo autossegmental, embora nem sempre nos permita precisar quando uma vogal longa ou breve irá ocorrer numa sílaba tônica (salvo em final de palavra e seguida de coda com duas consoantes), mostra, mais uma vez que a duração é relevante no sistema vocálico alemão, uma vez que muda toda a estrutura interna da sílaba. Uma vogal longa ocupa duas posições esqueléticas, como se virtualmente pudessem ocorrer aí duas vogais, assemelhando-se à estrutura de um ditongo decrescente, enquanto que a breve ocupa apenas uma posição” (HAUPT, 2007, p. 165).

²⁰² “Thus we must dissociate the two characteristics of fixed word order and the “richness” of case morphology: the existence of a rich morphology does not necessarily imply a free order of the constituents. The only generalization that a language like German allows us to make is that a rich morphological repertory, when it is used to mark functional distinctions, can enable dependent elements to avoid subjection to fixed placement, either among themselves or in relation to the constituent on which they depend” (CASSIN [et al.], 2014, p. 1259).

²⁰³ O conhecido jogo de palavras que Nietzsche performa entre os verbos “achar” (“*finden*”) e “inventar”

aprende de seu mestre Ritschl e encontra na “fusão de Lange e Valentin Rose” a ferramenta de uma experimentação colocada em prática no “estudo sobre Demócrito”, “Homero e a filologia clássica”, e no escrito não publicado *A filosofia na época trágica dos gregos* em que a noção de “anedota” é fundamental nessa confabulação²⁰⁴ e já aparece como um produto da “*praxis* filológica” com os *estudos de Diógenes Laércio*²⁰⁵. Ademais, no que se refere ao *problema da confiabilidade dos relatos históricos*, se, num momento inicial, Nietzsche teria se vinculado a uma “tradição da historiografia moderna”, que “adota como método a confrontação das diversas testemunhas históricas de forma a exibir as contradições da tradição” e tem como rubrica geral o “pírronismo histórico”, num momento posterior, o filósofo alemão parece rever suas posições junto a essa tradição cujo maior representante era Pierre Beyle²⁰⁶. Nesse mesmo sentido, segundo Lopes, Porter reconhece um deslocamento sutil em relação à adesão de Nietzsche para a “disposição cética” (*Skepsis*): de acordo com Porter, Nietzsche, inicialmente inspirado por Rose, conforme mencionado, partilha uma adesão ao “pírronismo histórico” para realizar sua investigação sobre os livros atribuídos ao filósofo pré-socrático Demócrito. No entanto, Porter salienta que, posteriormente, Nietzsche revê a posição anterior como “insustentável e improdutiva” na medida em que, agora, o filósofo alemão, adota uma perspectiva na qual os “juízos históricos são inseparáveis de juízos estéticos e valorativos”²⁰⁷ o que, ressaltaria de um modo preciso, a condição que coloca o intérprete inevitavelmente diante da compreensão segundo a qual “o veredito sobre o passado é sempre um veredito oracular”²⁰⁸ e seu “insistir no discurso da história e em como escrevê-la já é jogar propositalmente com a amplitude do sentido de *historia*, investigação e narrativa,

(“*erfinden*”) e nos substantivos “invenção” (“*Erfinden*”) e “descoberta” (“*Finden*”) na prática textual de acentuar como, em certa medida, *se fabrica o fato na investigação*. Respectivamente: ABM, *Dos preconceitos dos filósofos* 11 e 12; NIETZSCHE, 2006, p. 17 e nota 32, p. 201; bem como p. 19 e nota 40, p. 203.

²⁰⁴ Discuto essa questão na segunda parte de minha tese: “5.2.1. Gesto doxográfico: doxografia sofisticada de si”.

²⁰⁵ Andrea Orsucci descreve que Johann Figl “tem enfatizado a importância dos estudos de Diógenes Laércio através do qual Nietzsche aprende, como suas tardias afirmações sobre hermenêutica demonstram, »a detectar [o] ocultado, não legível no texto enquanto tal«, bem como, a expressiva importância do “trabalho com Diógenes Laércio” em que “Nietzsche era »guiado em sua »praxis« filológica [...] por muitas decididas decisões teóricas preliminares«” ORSUCCI, “*Diogenes Laercius*” In: OTTMANN, 2011, p. 379.

²⁰⁶ LOPES, 2008, p. nota 140, p. 191. Nasser destaca ainda que “essas primeiras considerações coexistem com outras, notadamente mais originais e audazes, nas quais Nietzsche é condescendente com o positivismo que alimenta o método histórico-crítico” (NASSER, 2015, p. 91).

²⁰⁷ PORTER, J. Apud: LOPES, 2008, p. 194.

²⁰⁸ Trecho do último parágrafo da sexta seção da segunda extemporânea de Nietzsche *Da utilidade e desvantagem da história para a vida* aqui citado e traduzido por Lopes: LOPES, 2006, p. 137.

escrever a história e contar histórias” na mesma medida em que, “insistir na importância decisiva da escolha dos fatos [...] é pôr o dedo na homonímia constitutiva do *factum*: ele aconteceu e foi fabricado.”²⁰⁹. Assim, essa *operatividade* no âmbito dos estudos filológicos diante dessa compreensão é que confere, a meu ver, o *gesto propriamente sofista* de produção discursiva de captura da “*Persönlichkeit*” e do complexo jogo de máscaras performado em *Ecce homo*: enquanto “Homero” é um mero produto desta ilusão”, isto é, uma “unidade” construída de uma “tangível personalidade”, “um juízo estético”²¹⁰, é no jogo das vozes, que implica um jogo das máscaras, paródia e *hipotiposes* que *Ecce homo* aparece como construção de uma *monumentalidade* no âmbito de um distanciamento entre *eu-narrativo* e *eu-objeto da narração* cuja abertura interpretativa ali performada permite a possibilidade de conceber a obra como uma espécie de *doxografia sofisticada de si*.

São sutilezas no âmbito dessa *instrumentalização filológica*²¹¹ transposta *permanente e posteriormente*²¹² que me permitem aludir à ideia de uma *autossupressão* da filologia na medida em que seus elementos marcadamente constitutivos são levados até o limite como forma de uma *transformação criativa*. Nesse mesmo sentido, é curioso notar que dois dos elementos de um certo “cinismo” de Valentin Rose “em relação ao público” revelados em “sua recusa a dar citações completas” e “até sua falta de pontuação” aparecem, como destacado por Porter, como aspectos que são incorporados, em menor ou maior escala, como *obsessão na escrita de Nietzsche*²¹³ no interior do amplo quadro de suas *estratégias textuais* ligadas ao domínio das fontes que o trabalho filológico se lhe imputa²¹⁴. Ainda aqui, isso parece confirmado na medida em que reconhecemos como uma espécie de “grafia estética”, *que anseia irritar o familiar processo de recepção do leitor*²¹⁵, é o que atua na *textualidade* dos escritos de Nietzsche

²⁰⁹ CASSIN, 2005, p. 239 e CASSIN, 2014, p. 297.

²¹⁰ PORTER, 2000, p. 65.

²¹¹ A “habilidade” (que encerra especialmente uma “habilidade de compreensão comunicativa”) que é demonstrada, segundo Peter André Bloch, “não apenas em seu trato com os textos literários e filosóficos, mas também em seu comportamento linguístico e autografemático diante dos correspondentes [de carta]”: “Diese Fähigkeit verstehenden Kommunizierens zeigt sich nicht nur in seinem Umgang mit literarischen und philosophischen Texten, sondern auch in seinem sprachlichen und selbst graphologischen Verhalten gegenüber Brieffpartnern” (BLOCH, 2016, p. 119).

²¹² DEL CARO, 2004; BENNE, 2005; PORTER, 2000.

²¹³ Como destaca Porter em nota: “Misleading readers through spurious and missing quotation marks will become strategic element of Nietzsche’s later writerly arsenal; but the impetus is philological.” PORTER, 2000, nota 18, p. 299. Ambos os elementos (*jogo com as aspas e jogo com a pontuação*) ligados a uma *praxis de irritação grafemática* que discutirei em outra ocasião.

²¹⁴ “Nietzsche’s unsettling textual strategies include his use of attributed or unattributed quotations, open or hidden allusions, and literal or adapted utilizations of a wide range of sources.” BENNE, 2016, p. 277.

²¹⁵ “(...) charakterisieren sich seine Schriften durch den gezielten Einsatz einer „ästhetischen Graphie“,

cuja “performance dos signos” (como quer Fietz acerca de elementos como as “aspas” e “travessões”), a meu ver, reflete o que enfatizo como *produto* de uma “autossupressão” da filologia.

Uma possível objeção à relevância desse pano de fundo da filologia no pensamento de Nietzsche seria, por exemplo, a de questionar o porquê Nietzsche não migrou profissionalmente da filologia para a filosofia. Nesse debate sobre a carreira do filósofo no contexto de 1870, Benne salienta em nota que “Nietzsche se sente cada vez mais como artista no máximo como um livre filósofo”²¹⁶. Isso parece demonstrar, de modo mais sutil, a plausibilidade tanto de uma posição que vê que uma “crítica da linguagem (filosófica) cresce da prática da interpretação filológica”²¹⁷, quanto de uma compreensão que vê a *filosofia como um desenvolvimento da filologia*²¹⁸: uma concepção, a meu ver, que conduz tanto ao reconhecimento da já mencionada “incorporação da filologia dentro de seu posterior modo de pensar”²¹⁹, quanto indica uma perspectiva muito próxima à de Cassin ao salientar a interdependência de ambas as disciplinas para *sua* investigação²²⁰. Além disso, se Nietzsche segue “inconscientemente” a posição de Schlegel, como afirma Benne, acerca do *questionamento* da “relação” entre “filosofia” e “filologia”, o que parece interessante aqui é não apenas o “interesse do conhecimento” de *cada área diversa, mas também* “os modos de conhecimento” que *uma lança sobre a outra*²²¹ e isso é fundamental se quisermos de fato reconhecer o “gesto sofista” como uma problematização radical da

welche, ebenso wie die regelmäßige Auseinandersetzung mit dem Lesen und der Schrift, eine Irritation gewohnter Rezeptionsprozesse anstrebe” (PICHLER, 2014, p. 59).

²¹⁶ “Nietzsche begreift sich mehr und mehr als Künstler (bzw. Artist), höchstens als freien *philosophe*” (BENNE, 2005, nota 26, p. 25).

²¹⁷ Posição de Benne reiterando Barbara von Reibnitz: “Sie deutet kurz an, dass Nietzsches (philosophische) Sprachkritik aus der methodischen Praxis philologischer Interpretation erwachsen sei” (BENNE, 2005, p. 0)3.

²¹⁸ Mencionando a compreensão de Federico Gerratana (1994) em seu ensaio: “Seine Philosophie sei vielmehr eine Entwicklung aus der Philologie heraus” (BENNE, 2005, p. 03).

²¹⁹ “Man kann darin die Absichtserklärung einer Zukunfts-philologie erkennen, die Nietzsche dann selbst doch nie verwirklicht hat. Es könnte aber auch sein, dass Nietzsche die Philologie unbewusst oder absichtlich in seinen künftigen Denkweg eingebaut hat.” (BENNE, 2005, p. 22).

²²⁰ Cassin delineando o “objeto” de sua investigação: “(...) Do título ao subtítulo, trata-se de filosofia e de filologia, de uma certa relação entre elas. (...) Não que se passe assim da filologia à filosofia como a uma esfera superior e que teria fornecido em segredo uma pré-compreensão para executar as obras baixas. (...) Há, antes, uma prática única que, seguindo simplesmente até o fim suas próprias leis, respeitando simplesmente a si mesma, não cessa de se erguer, do mesmo modo como sons articulados pelo jogo de suas articulações acabam em discurso.” CASSIN, 2015, pp. 27-28.

²²¹ “Nietzsche fragte – in unbewusster Nachfolge von Friedrich Schlegels *Philosophie der Philologie* – wieder nach dem Verhältnis von Philosophie und Philologie und damit nicht allein nach ihren je unterschiedlichen Erkenntnisinteressen, sondern auch ihren je unterschiedlichen Erkenntnisweisen” (BENNE, 2011, p. 190).

violência da filosofia²²². Por fim, outro elemento importante e que acentua o posicionamento do presente trabalho é a constatação de que a formação profissional de Nietzsche junto a filologia beneficia a criação da multiplicidade de estratégias textuais que os *escritos* desse “filósofo poeta” encerram²²³ ao reconhecermos as características da textualidade de *seus escritos*.

Referências bibliográficas

- ASHER, R. E.[ed]. *The encyclopedia of language and linguistics*. Pergamos Press, New York, 1994.
- BABICH, Babette. *The science of word or philology: music in The Birth of Tragedy and the alchemy of love in The Gay Science*. *Rivista di estetica*, n.s., 28, XLV, pp. 47-78 (1 / 2005).
- _____. *The Hallelujah Effect. Philosophical Reflections on Music, Performance Practice and Technology*. Ashgate, England/USA, 2013.
- BAJOHR, H. [et al.] (ed.). *The Future of Philology: Proceedings of the 11th Annual Columbia University German Graduate Student Conference*. Cambridge Scholars Publishing, pp. 76-97, 2014.
- BARBOSA, Rodrigo Francisco. “Nietzsche e o texto como fixação” In: *Estudos Nietzsche*, v.11, n.1 (2020). Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/estudosnietzsche/article/view/23212>> acesso em agosto de 2021.
- BARROS, Fernando R. de Moraes. *Desafios da linguagem musical: a correspondência entre Nietzsche e Carl Fuchs*. *Revista Trágica: Estudos sobre Nietzsche*. Vol. 3. – nº 2, pp. 132-141, 2º semestre de 2010.
- BENNE, Christian. *Nietzsche und die historisch -kritische Philologie*. *Monographien und Texte zur Nietzsche-Forschung*, Band 49. Walter de Gruyter (Berlin, New York) 2005.
- _____. “Good cop, bad cop: Von der Wissenschaft des Rhythmus zum Rhythmus der Wissenschaft” In: HEIT, Helmut/ABEL, Günter/BRUSOTTI, Marco (Hrsg.). *Nietzsches Wissenschaftsphilosophie*. Berlin, Boston: De Gruyter, pp. 189–212, 2011.
- _____. *The Philosophy of Prosopopoeia*. *The Journal of Nietzsche Studies*. Volume 47, Issue 2, Summer, pp. 275-286, 2016.
- BENNE, Christian; SANTINI, Carlota. “*Nietzsche und die Philologie*” In: HEIT, Helmut; HELLER, Liza [Hrsg.]. *Handbuch Nietzsche und die Wissenschaften*. Berlin, Boston, De Gruyter, pp. 173-200, 2013.
- BEIN, Thomas “*Editionsphilologie*” In: ACKERMANN, Christiane; EGERDING, Michael [Hrsg.]. *Literatur- und Kulturtheorien in der Germanistischen Mediävistik*. Walter de Gruyter, Berlin/Boston, pp. 35-66, 2015.
- BLOCH, Peter André. *Nietzsches musikalisches Schreiben. Zum V. Buch der Fröhlichen*

²²² “I want to know at what point philosophy feels it has the right to say that people need punishment . . .” (CASSIN, 2014a, p. 04).

²²³ Conforme interpretam Katharina Grätz e Sebastian Kaufmann na introdução ao livro que eles organizam intitulado, “Nietzsche como poeta”(Nietzsche als Dichtung): “Dabei dürfte er erheblich von seiner philologischen Ausbildung profitiert haben, vom intensiven Studium der antiken Literatur, aber auch allgemein von seiner großen Belesenheit auf den verschiedensten Gebieten.” GRÄTZ; KAUFMANN, 2017, p. 01.

- Wissenschaft*. Nietzsche-Studien. Band 45, pp. 113-131, 2016.
- BOMMEL, Bas van. *Classical Humanism and the Challenge of Modernity*. Walter de Gruyter, 2015.
- CALDER, William Musgrave. *The Wilamowitz-Nietzsche Struggle: New Documents and a Reappraisal*. Nietzsche-Studien. 12, pp. 214-254, 1983.
- CAMPIONI, Giuliano. *Nietzsche e a filologia, a filologia e Nietzsche. Minhocas e tesouros. A pesquisa das fontes e a "biblioteca ideal" de Nietzsche*. Cadernos Nietzsche. São Paulo, n. 33, p. 15-40, 2013.
- CASSIN, Barbara. *Si Parménide. Le traité anonyme De Melisso Xenophane Gorgia*. Edition critique et commentaire. Vol. 4. Cahiers de Philologie. Presses Universitaires de Lille, France. 1980.
- _____. *Aristóteles e o lógos. Contos de fenomenologia comum*. Editora Loyola, São Paulo, 1999.
- _____. *O efeito sofisticado*. Ed. 34, São Paulo, 2005.
- _____. *Sophistical Practice: Toward a Consistent Relativism*. Fordham University Press, Nova York, 2014a.
- _____. *Uma Barbara entre os gregos (Entrevista)*. Revista Cult. Editora Bregantini, N° 191, ano 17, pp. 06-11, Junho/2014b.
- _____. *Se Parmênides. O tratado anônimo De Melisso Xenophane Gorgia*. Editora Autêntica, 1ª ed., Belo Horizonte, 2015a.
- _____. *The Energy of the Untranslatables: Translation as a Paradigm for the Human Sciences*. Paragraph. 38.2, pp. 145-158, 2015b.
- CASSIN, Barbara; WOLFE, Charles T.; *Who's afraid of the sophists? Against ethical correctness*. Hypatia. Vol. 5 Number 4, pp. 102-120, 2000.
- CASSIN, Barbara; VÉGS, Roland. *The Relativity of Translation and Relativism*. CR: The New Centennial Review. Volume 12, Number 2, pp. 23-45, Fall 2012.
- CASSIN, Barbara; [et al.]; *Dictionary of Untranslatables: A Philosophical Lexicon*. Princeton University Press, 2014.
- CHAPANSKI, Giselle. *Uma tradução da Tékhne Grammatiké de Dionísio Trácio para o português*. Dissertação de mestrado do curso de Letras da UFPR, 2003. Disponível em: <<https://goo.gl/vYtuE2>> acesso em agosto de 2021.
- CHATTERJEE, Ranjit. "Before and Beyond Linguistics: The Case of Professor Nietzsche, Philologist" In: CHATTERJEE,R.;NICHOLSON,C.[Ed]; *Tropic Crucible: Self and Theory in Language and Literature*. Singapore University Press, Singapore, 1984.
- CORBIER, Christophe. *Alogia et eurythmie chez Nietzsche*. Nietzsche-Studien. Band 38, pp. 01-38, 2009.
- DEL CARO, Adrian. *Nietzsche's Rhetoric on the Grounds of Philology and Hermeneutics*. Philosophy and Rhetoric. Volume 37, Number 2, pp. 101-122, 2004.
- DISSER, Monika. *Friedrich Nietzsche und das „Experiment Schreibmaschine“* In: „Archiv für Stenografie, Textverarbeitung, Informationstechnologie“, 48. Jg. [Heft 2/2006], S. 47 – 51 <<https://www.forschungsstaette.de/PDF/Eberwein%2C%20Nietzsche%20FT%20BT.pdf>> acesso em agosto de 2021.
- DUFOUR, Éric. *La physiologie de la musique de Nietzsche*. Nietzsche-Studien. Band 30, pp. 215-233, 2001.
- ENDRES, Martin; PICHLER, Axel. "warum ~~ich diesen mißrathenen Satz schuf~~": Ways of Reading Nietzsche in the Light of KGW IX. Journal of Nietzsche Studies. Vol. 44, N° 1, pp. 90-109, 2013.
- FEHÉR M., István. *Textual Criticism, Edition History, Interpretation: Philological and*

- Hermeneutical Problems of Historical Critical and Life Work Editions*. In: Philobiblon: Transylvanian journal of multidisciplinary research in humanities – Vol. XVII (2012) – No. 1, pp. 114-181, 2012.
- GLÜCK, Helmut; RÖDEL, Michael [hg.]; *Metzler Lexikon Sprache*. 5. Auflage, J.B. Metzler, Stuttgart, 2016.
- GENETTE, Gerard. *Palimpsestos. A literatura de segunda mão*. Extratos traduzidos do francês por Luciene Guimarães e Maria Antônia Ramos Coutinho. Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2006.
- GENTILI, Carlo. *Nietzsches Kulturkritik: zwischen Philologie und Philosophie* (Beiträge zu Friedrich Nietzsche). Schwabe Basel, 2010.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *The Powers of Philology: Dynamics of Textual Scholarship*. University of Illinois Press, 2003.
- GÜNTHER, Friederike Felicitas. *Rhythmus beim frühen Nietzsche*. Monographien und Texte zur Nietzsche-Forschung, Band 55, Walter de Gruyter (Berlin, New York), 2008.
- GRÄTZ, Katharina; KAUFMANN, Sebastian; “*Nietzsche als Dichter: Zur Einführung*” In: GRÄTZ, Katharina; KAUFMANN, Sebastian (Hrsg.); *Nietzsche als Dichter. Lyrik-Poetologie-Rezeption*. Nietzsche-Lektüren, Band 1, De Gruyter, pp. 01-06, 2017.
- LEVENTHAL, Robert Scott. *The disciplines of interpretation: Lessing, Herder, Schlegel and hermeneutics in Germany, 1750—1800*. De Gruyter, Nova York/Berlin, 1994.
- LOPES, Rogério Antônio. *Elementos de retórica em Nietzsche*. Editora Loyola, São Paulo, 2006.
- _____. *Ceticismo e vida contemplativa em Nietzsche*. Belo Horizonte, FAFICH/UFMG, 2008. Tese de Doutorado disponível em: <<http://goo.gl/bh6wcC>> Acesso em agosto de 2021.
- HAUPT, Carine. *O sistema vocálico alemão*. Revista do GEL. Araraquara, nº4, p 159-167, 2007.
- HOLQUIST, Michael. *The place of philology in an age of world literature*. Neohelicon. 38, pp. 267–287, 2011.
- JENSEN, Anthony K.; *Geschichte or Historie? Nietzsche's Second Untimely Meditation in the Context of Nineteenth-Century Philosophical Studies*. In: DRIES, Manuel. *Nietzsche on Time and History*. Walter de Gruyter, Berlin, New York, 2008.
- _____. *Meta-historical Transitions from Philology to Genealogy*. The Journal of Nietzsche Studies. Volume 44, Issue 2, pp. 196-212, Summer 2013a.
- _____. *Nietzsche's philosophy of history*. Cambridge University Press, New York, 2013b.
- KNOBLOCK, Clemens. “*Text/Textualität*” In: BARCK, Karlheinz; et al.; *Ästhetische Grundbegriffe. Historisches Wörterbuch in sieben Bänden*. Band 6: Tanz – Zeitalter/Epoche. Verlag J.B. Metzler, Stuttgart/Weimar, pp. 23-47, 2010.
- KURZ, Gerhard. “*23. Methoden der Textinterpretation in literaturwissenschaftlicher Perspektive*” In: BRINKER, Klaus [et al.]. *Text- und Gesprächslinguistik: ein internationales Handbuch zeitgenössischer Forschung*. De Gruyter, Berlin/New York, pp. 209-220, 2000.
- MAINSFELD, Jaap. *The Wilamowitz-Nietzsche Struggle: Another New Document and Some Further Comments*. Nietzsche-Studien. Band 15, De Gruyter, Berlin/New York, pp. 41-58, 1986.
- MULLER-SIEVERS, Helmut. *The Science of Literature. Essays on an Incalculable Difference*. De Gruyter, Berlin/Boston, 2015.
- NASSER, Eduardo. *Nietzsche e a reforma metodológica da filologia: o problema da cientificidade no contexto dos estudos clássicos*. Hypnos. São Paulo, v. 34, 1º Sem., pp.

79-104, 2015.

NIEMEYER, Christian (org.). *Léxico de Nietzsche*. Edições Loyola, 2014.

NIETZSCHE, F. *Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe*. Disponível em: <<http://www.nietzschesource.org/#eKGWB>>. Acesso em agosto de 2021.

_____. *A gaia ciência*. Companhia das Letras, São Paulo, 2007a.

_____. *Além do bem e do mal*. Companhia das Letras, São Paulo, 2006.

_____. *Assim falou zarathustra*. Companhia das Letras, São Paulo, 2011.

_____. *Correspondencia I, Junio 1850 – Abril 1869*. Trad. Luiz Enrique de santiago Guervós. Editorial Trotta, 2005b.

_____. *Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo*. Trad. Jorge Luiz Viesenteiner. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Companhia das Letras, São Paulo, 2005a.

_____. *KGW IX/9*. Hrsg. v. Marie-Luise Haase und Martin Stingelin. Bearb. v. Marie-Luise Haase, Thomas Riebe, Beat Röllin, René Stockmar, Franziska Trenkle, Daniel Weißbrodt. Unter Mitarbeit v. Karoline Weber. Berlin/Boston: De Gruyter 2012.

_____. *Humano, demasiado humano. Um livro para espírito livres*. Companhia das Letras, São Paulo, 2005c.

_____. *Humano, demasiado humano. Um livro para espírito livres*. Vol. II., Companhia das Letras, São Paulo, (Edição digital).

_____. *Obras completas. Volumen II, Escritos filológicos*. Tecnos, 2013.

_____. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. Trad. J. Guinsburg. Companhia das Letras, São Paulo, 2007b.

OTMANN, Henning [Hrsg.]. *Nietzsche-Handbuch: Leben, Werk, Wirkung*. Stuttgart/Weimar, 2011.

POLENZ, Peter von. *Deutsche Sprachgeschichte vom Spätmittelalter bis zur Gegenwart*. Band III, 19. und 20. Jahrhundert. Walter de Gruyter, Berlin/New York, 1999.

POLLOCK, Sheldon. *Future Philology? The Fate of a Soft Science in a Hard World*. *Critical Inquiry*. 35 (Summer 2009). The University of Chicago, 2009.

RAHN, Thomas. “*Gestörte Texte. Typographie als Interpretament (1870 bis 1930)*” In: ZITTEL, 2017. Disponível em <<https://goo.gl/8mJ6Fu>> acesso em agosto de 2021.

RICHTER, Sandra. *History of poetics: German Scholarly Aesthetics and Poetics in International Context, 1770-1960*. De Gruyter, 2010.

PICHLER, Axel. *Philosophie als Text – Zur Darstellungsform der Götzendämmerung*. Monographien und Texte zur Nietzsche-Forschung, Band 67. De Gruyter, Berlin, Boston, 2014.

_____. “*Para-Literarizität. Versuch eines alternativen heuristischen Blicks auf die Gattungsgrenze von Philosophie und Literatur*” In: DUNSHIRN, Alfred; NEMETH, Elisabeth; UNTERTHURNER, Gerhard [Hrsg.]. *Crossing borders. Grenzen (über)denken. Thinking (across) Boundaries*. Österreichische Gesellschaft für Philosophie, Wien, pp. 163-172, 2012.

PORTER, James. “*Nietzsche, die Griechen und die Philologie*”. In: *Nietzsche Studien*. Vol. 40, Issue 1, De Gruyter, pp. 343-351, 2011.

SUAREZ, Rosana. *Nietzsche e a linguagem*. Editora 7Letras, Rio de Janeiro, 2011.

WINTHROP-YOUNG, Geoffrey; WUTZ, Michael. “*Translators' Introduction*” In: KITLER, Friedrich A.; *Gramophone, Film, Typewriter*. Stanford University Press, pp. xi-xxxviii, 1999.

ZAVATTA, Benedetta. “*Nietzsche and Linguistics*” In: HELLER, Lisa; HEIT, Helmut [eds.]; *Handbuch Nietzsche und die Wissenschaften*. Berlin: De Gruyter, pp. 265-289,

2013a.

_____. “*Nietzschean Linguistics*”. Nietzsche Studien. 42, Walter de Gruyter, Berlin/New York, pp. 21-43, 2013b.

ZITTEL, Claus; *Selbstaufhebungsfiguren bei Nietzsche*. Würzburg: Königshausen und Neumann, 1995.

_____; “*Textologie und Materialität (Text-Bild-Wissen)*” In: *Textologie. Literatur und Wissenschaften* (website). Disponível em: <<https://goo.gl/Jbh7al>> acesso em 2021.

Recebido em 10/08/2021

Aprovado em 20/02/2022